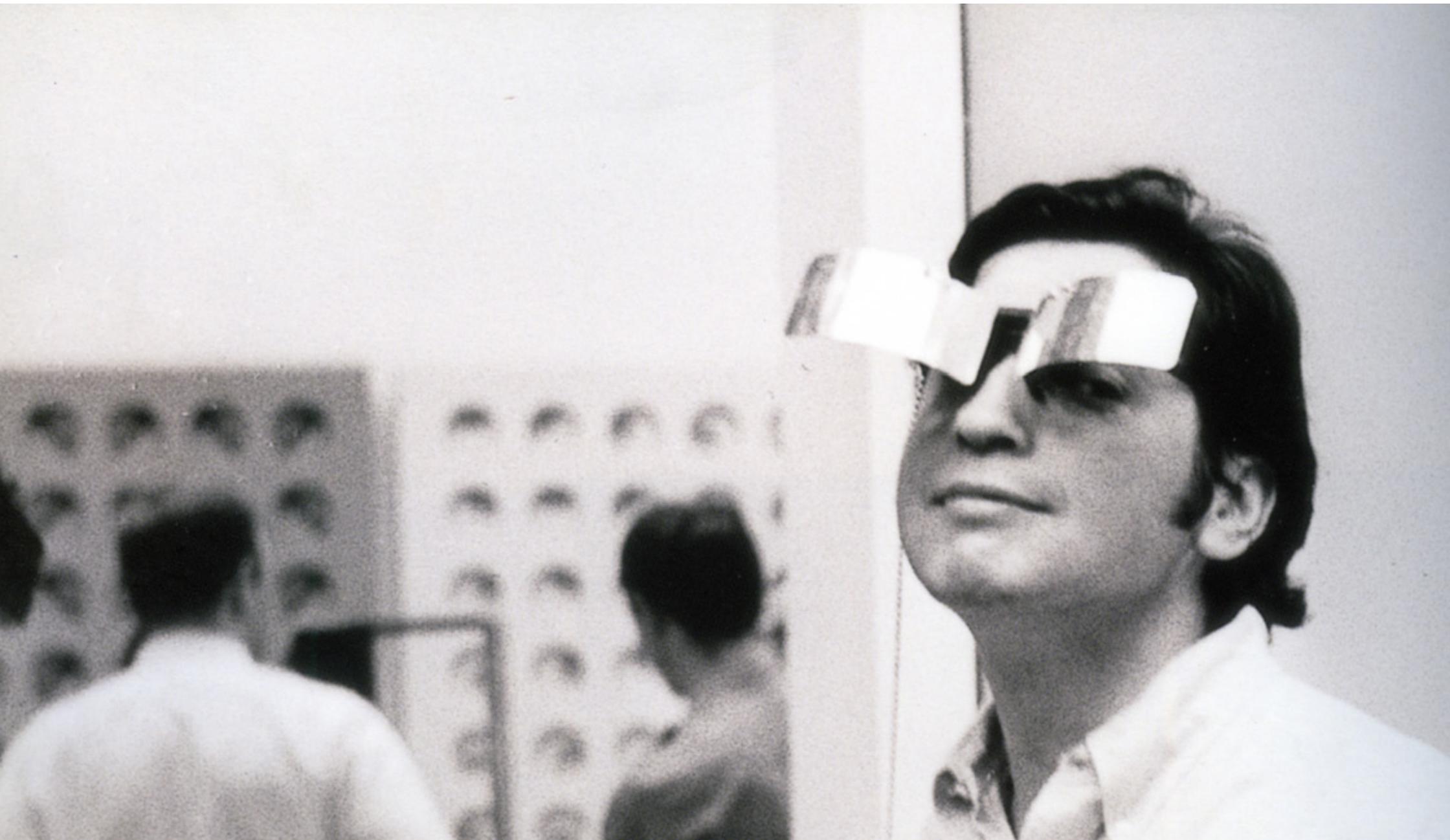


nara roesler

julio le parc



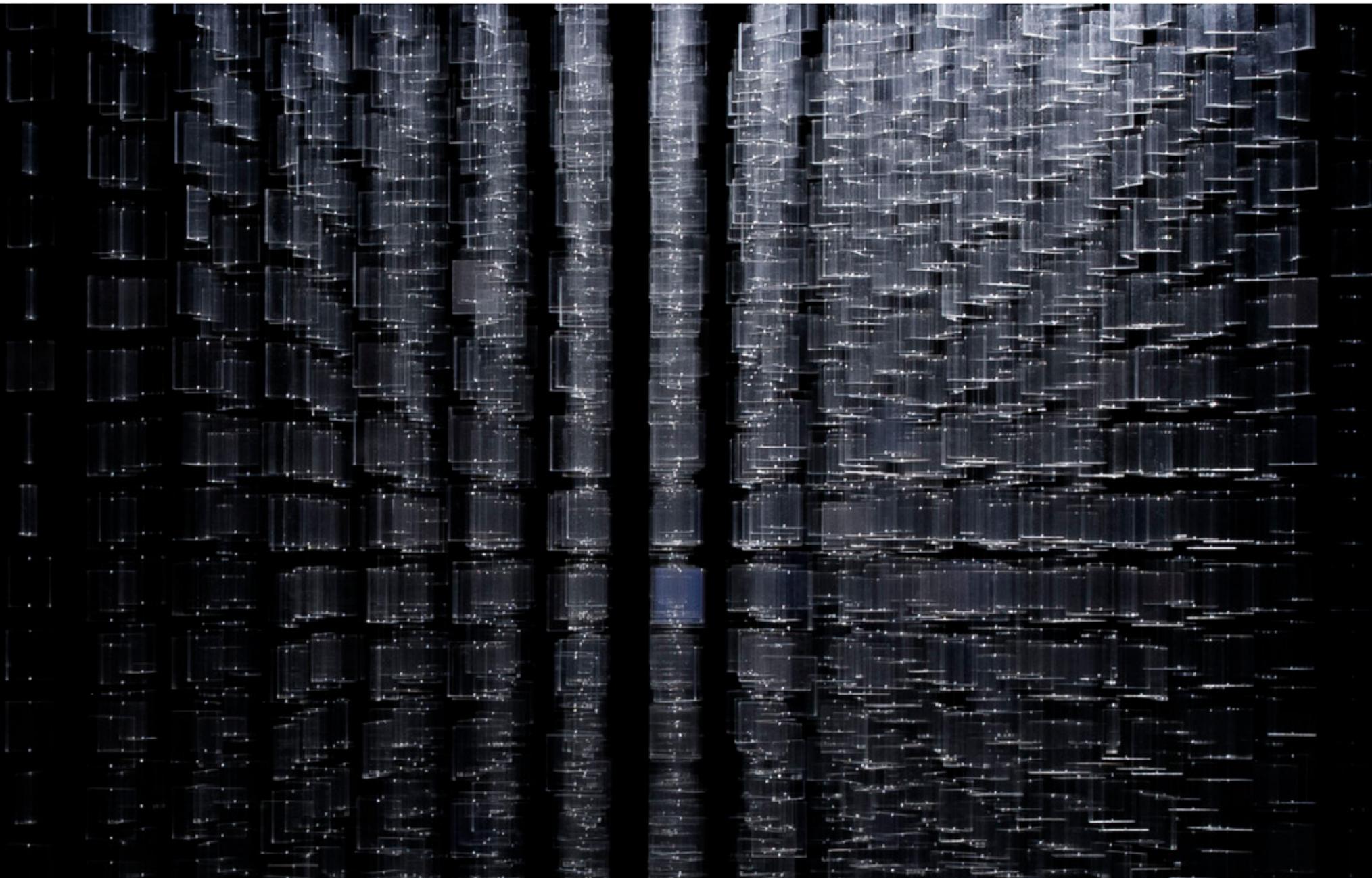
nara roesler

julio le parc



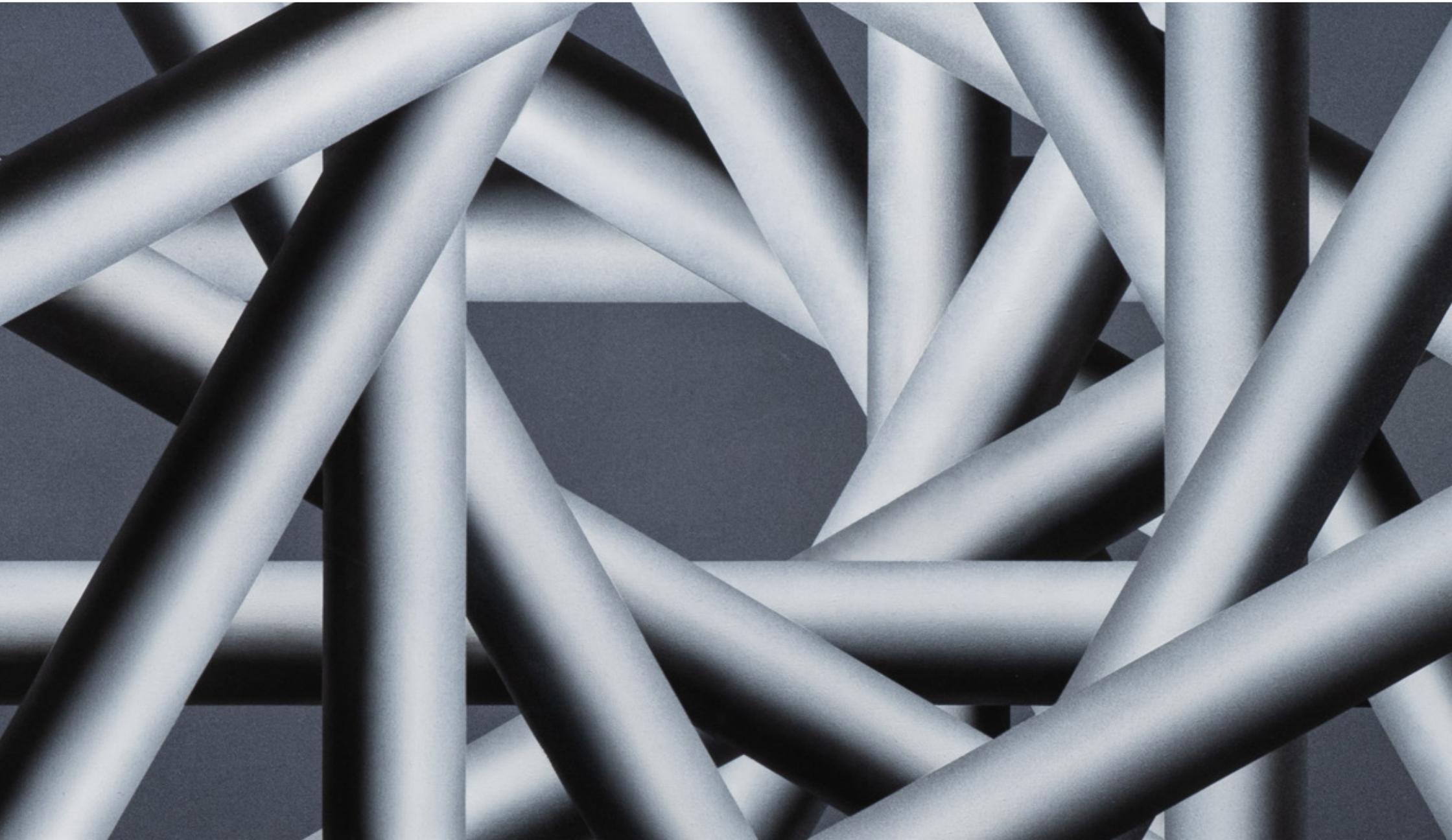
nara roesler

julio le parc



nara roesler

julio le parc



nara roesler

julio le parc



julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina

vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Quintaesencia*, Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler*, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam, Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

-
- 00** surface
 - 00** continuels mobiles
 - 00** lumières
 - 00** déplacement
 - 00** contorsions
 - 00** relevos
 - 00** salas de jogos
 - 00** surface couleur
 - 00** modulation
 - 00** alquimias
-

surface

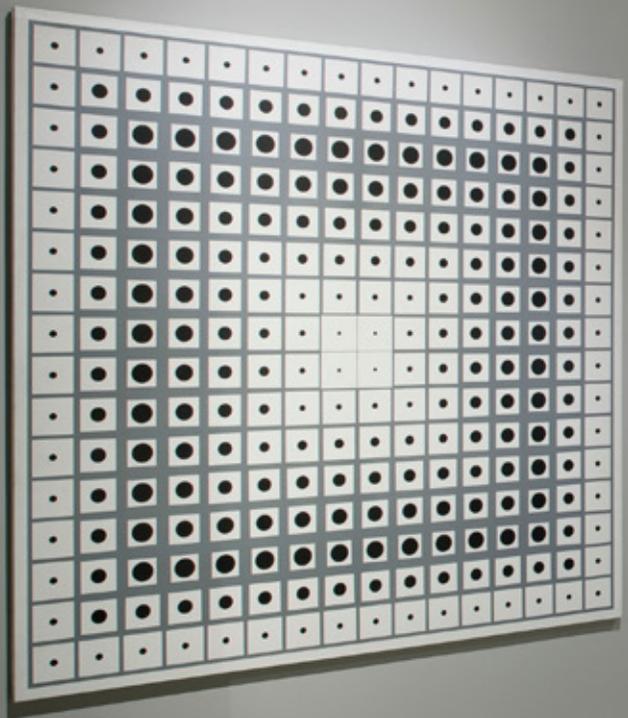
Essa é a mais antiga série de trabalhos executada por Julio Le Parc e que serve de base para todas as suas investigações posteriores. Tendo realizado sua formação artística na Argentina das décadas de 1940 e 1950, o artista foi impactado pelas discussões referentes a pintura abstrata geométrica que se faziam cada vez mais presentes naquele país e em toda a América Latina.

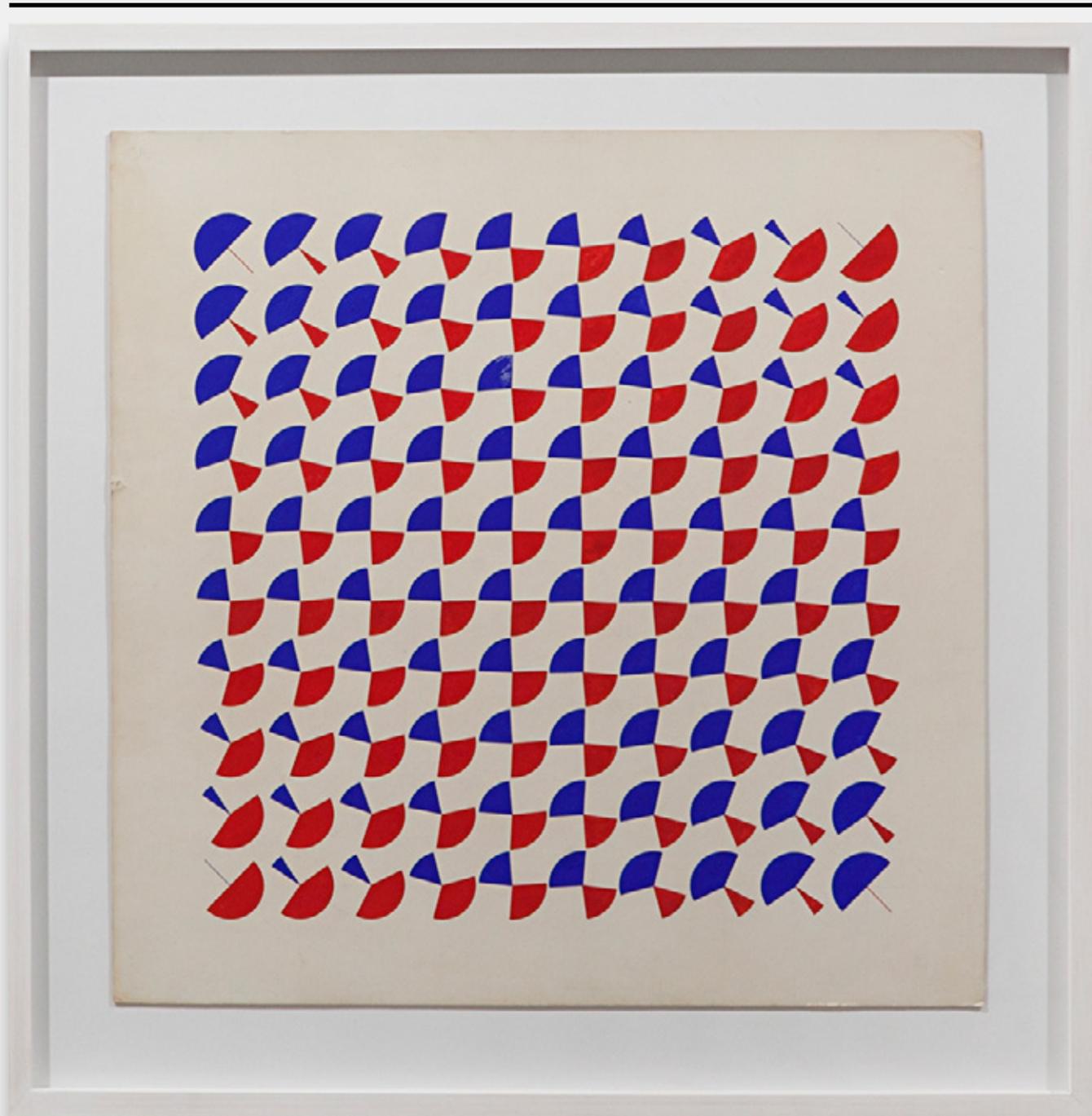
As primeiras *Surfaces*, no entanto, datam de 1958, período em que Le Parc já vivia na França, na qual as correntes artísticas predominantes eram aquelas ligadas à abstração informal. Indo contra esse domínio, o artista, tal qual Mondrian, defendia que a obra de arte deveria ser livre de elementos figurativos e subjetivos, devendo se resumir aos elementos pictóricos que compunham a superfície do quadro e estudar as forças compositivas do mesmo de forma “pura”, isto é, sem estarem por trás de elementos figurativos.

*Secuencias en rotación
en blanco y negro*, 1959/2014
tinta acrílica sobre tela
200 x 200 cm

→
vista da exposição
Julio Le Parc: Form into Action,
Perez Art Museum, Miami,
EUA, 2016
foto © Guillaume Ziccarelli



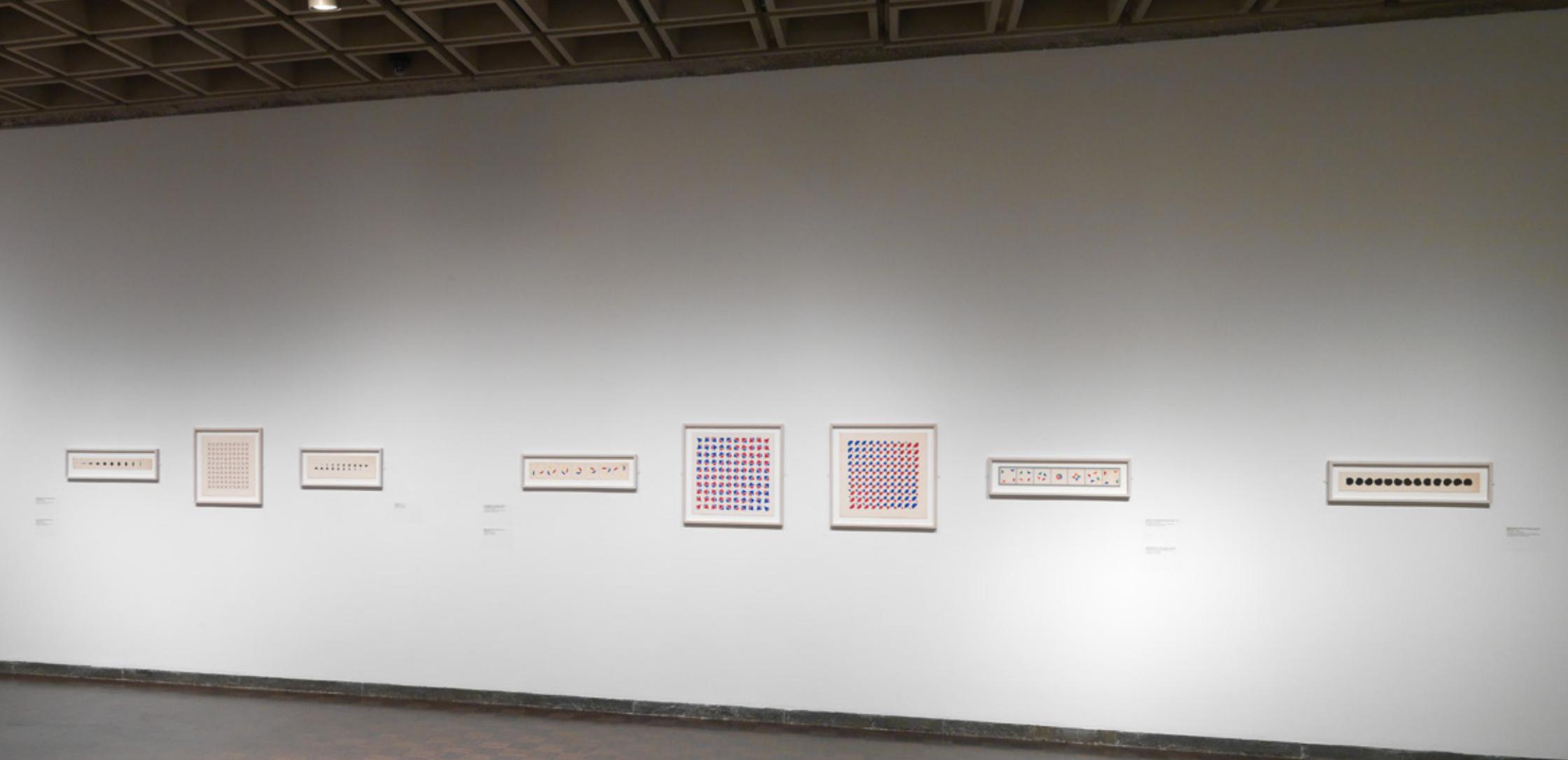


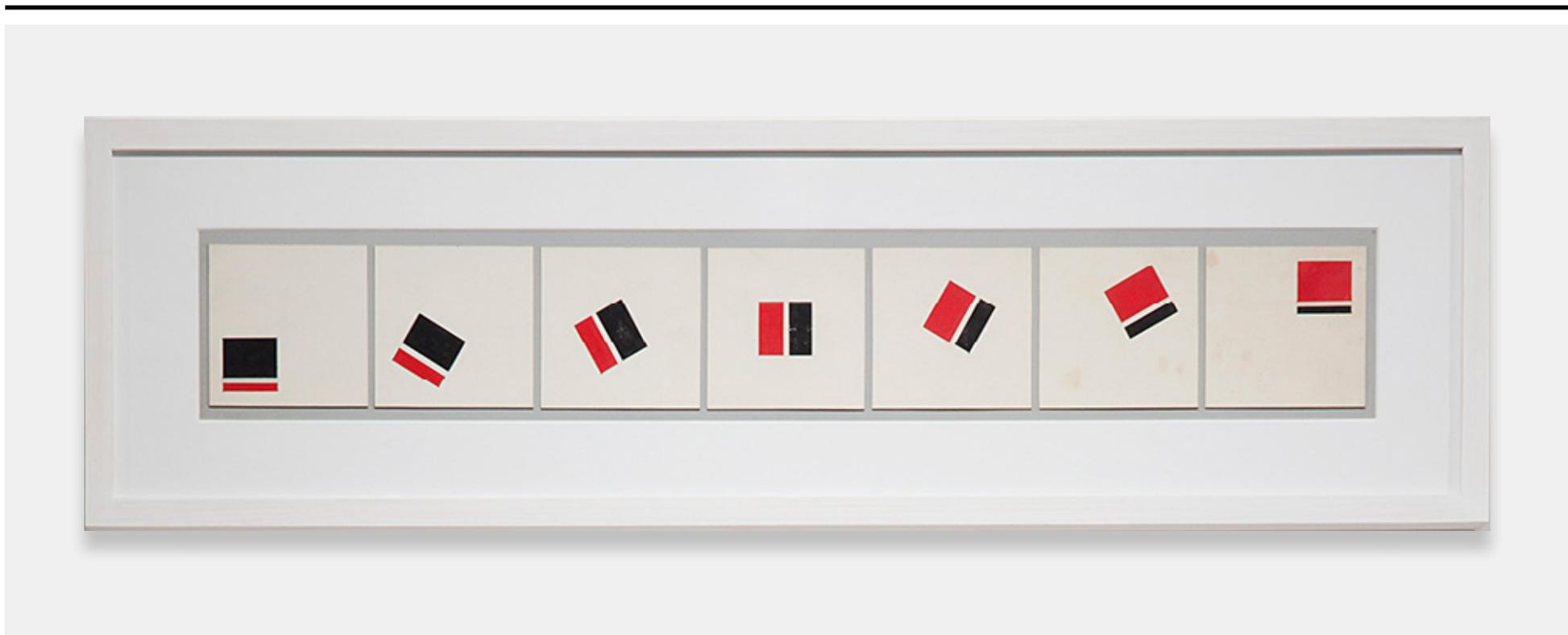


Assim, se valendo apenas de formas geométricas, ora mais rígidas, ora mais onduladas, Le Parc estuda valores pictóricos puros como movimento, instabilidade e progressão. Ainda que se valha bastante da racionalidade, da matemática e da ausência de subjetividade, os trabalhos dessa série carregam uma sensação de equilíbrio instável, envolvendo o espectador através de um jogo visual vibrante e que acabaria por se desdobrar em futuras pesquisas do artista.

*Séries de secuencias
profusivas y ambivalentes
de mutación de forma, 1959*
guache sobre cartão
49,4 x 49,2 cm

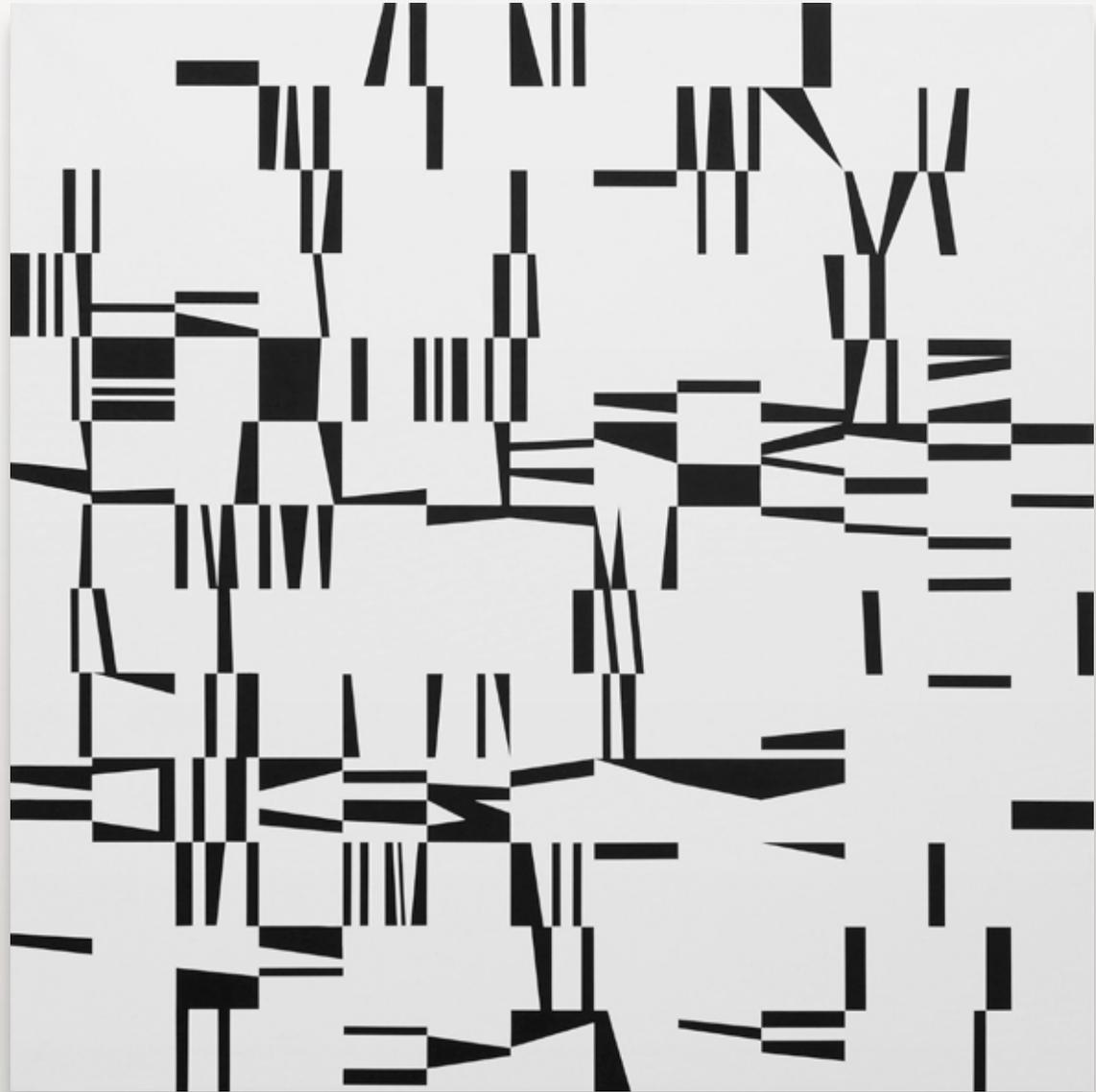
→
vista da exposição
Julio Le Parc 1959,
Met Breuer, Nova York,
EUA, 2018–2019

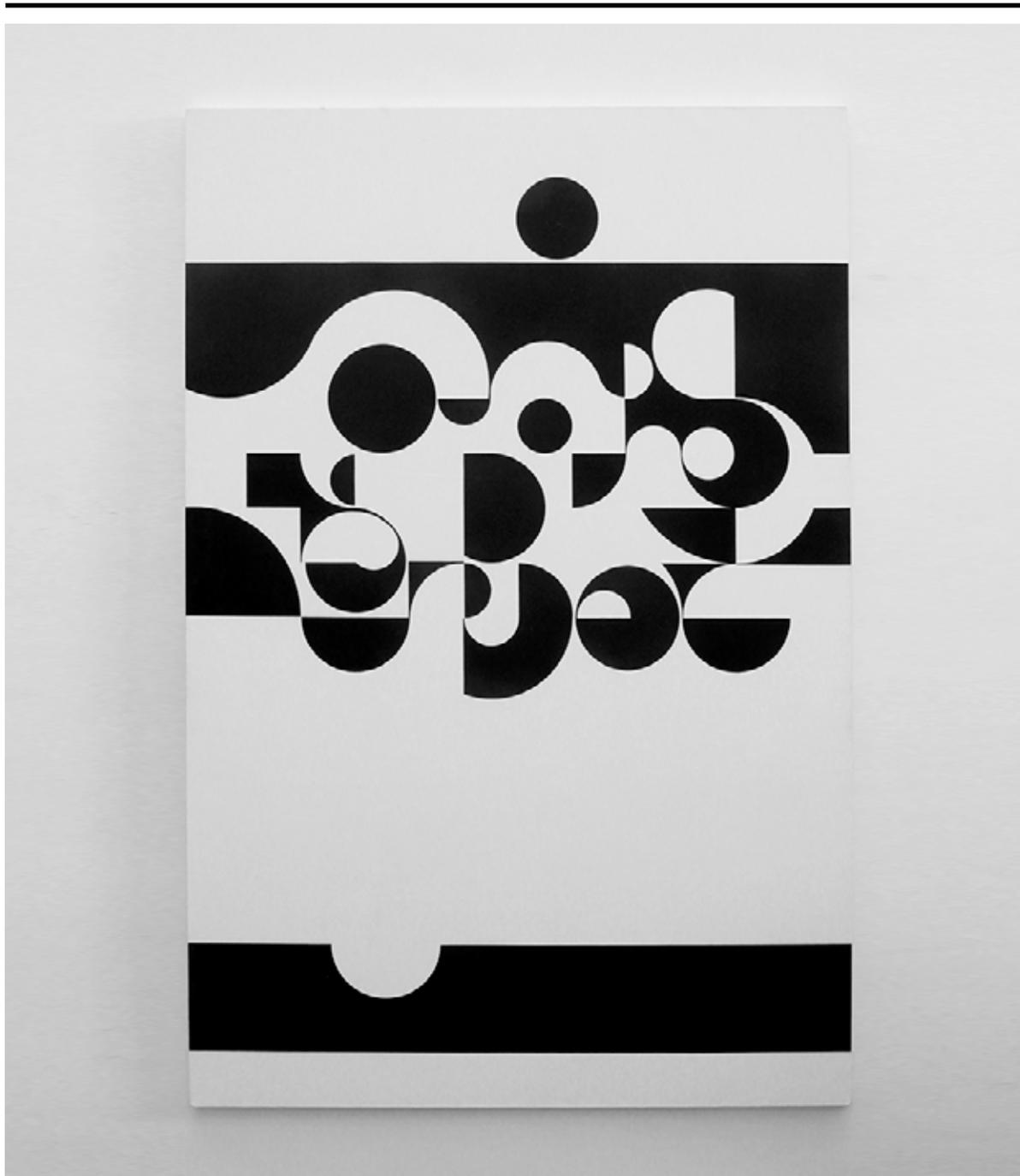




*Siete secuencias del
movimiento de traslación y
rotación de un cuadrado, 1959*
guache sobre cartão
10,5 x 64,3

→
Disonancia 2, 1958/2016
tinta acrílica sobre tela
130 x 130 cm





A partir d'un ciel de Van Gogh
/ serie Surface noir et blanc,
1958/1991
tinta acrílica sobre tela
195 x 130 cm

→
vista da exposição
Julio Le Parc: Un visionario, Centro
Cultural Kirchner – CCK, Buenos
Aires, Argentina, 2019



continuels mobils

Iniciada nos primeiros anos da década de 1960, essa série consiste em um importante desdobramento na poética de Julio Le Parc. Embora seu trabalho fosse desde muito cedo focado na investigação sobre dinamismo e instabilidade, foi somente a partir daqui que o artista passou a trabalhar com o movimento enquanto realidade, e não apenas como uma sensação provocada através de jogos visuais.

Em *Continuels Mobils*, ele passa a lidar com elementos móveis, em geral pequenas placas de acrílico suspensas por cordas de aço ou nylon. Tais placas, extremamente leves e translúcidas, são sensíveis a qualquer forma de perturbação no ambiente ao redor e, dessa forma, não apenas se movem muito facilmente, como refletem toda a luminosidade do entorno.

Continuel mobile, 1962/1996
madeira, placas de acrílico e nylon
edição de 3 + 2 PA
219 × 155 × 170 cm

→
Continuel Mobile Argent, 1963
aço inoxidável, fios
de nylon e madeira
1800 × 700 cm







O artista cria, portanto, uma composição cujo resultado não é fixo: ela se altera a partir de perturbações externas, de variação de luminosidade ou mesmo de acordo com a posição que o espectador a observa. São trabalhos que, mesmo carregando materialidade, mobilizam o ambiente externo e o observador.

Os trabalhos desta série, embora tenham como ponto de partida uma investigação comum, podem assumir diferentes tamanhos, configurações e cores.

Continuel mobile miroir, 2017
plexiglass, cabo de aço,
alumínio e madeira
205 x 147 x 147 cm
foto © Pat Kilgore

→
Sphère rouge, 2001/2012
2913 placas vermelhas
translúcidas
Ø 520 cm



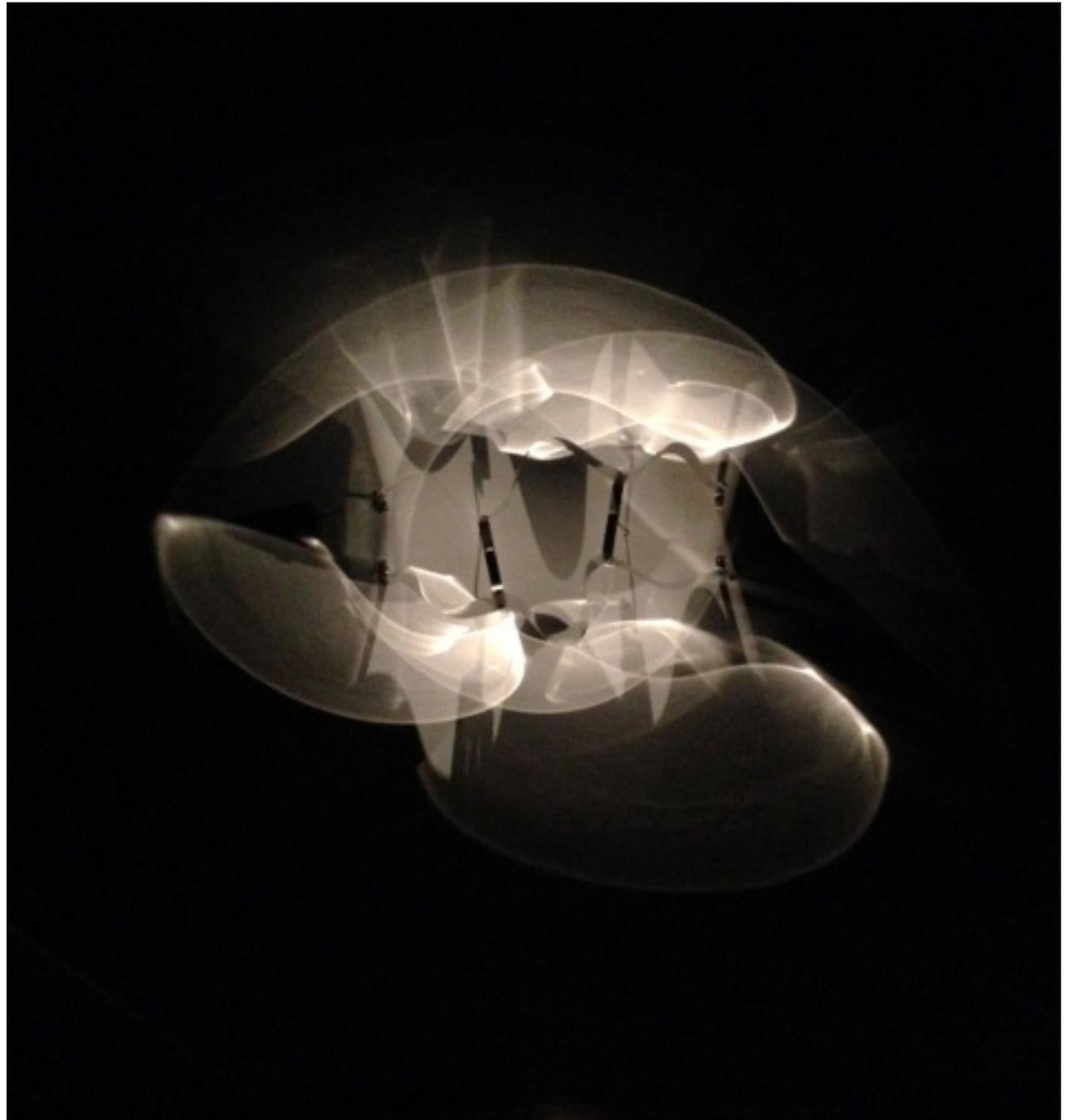
lumières

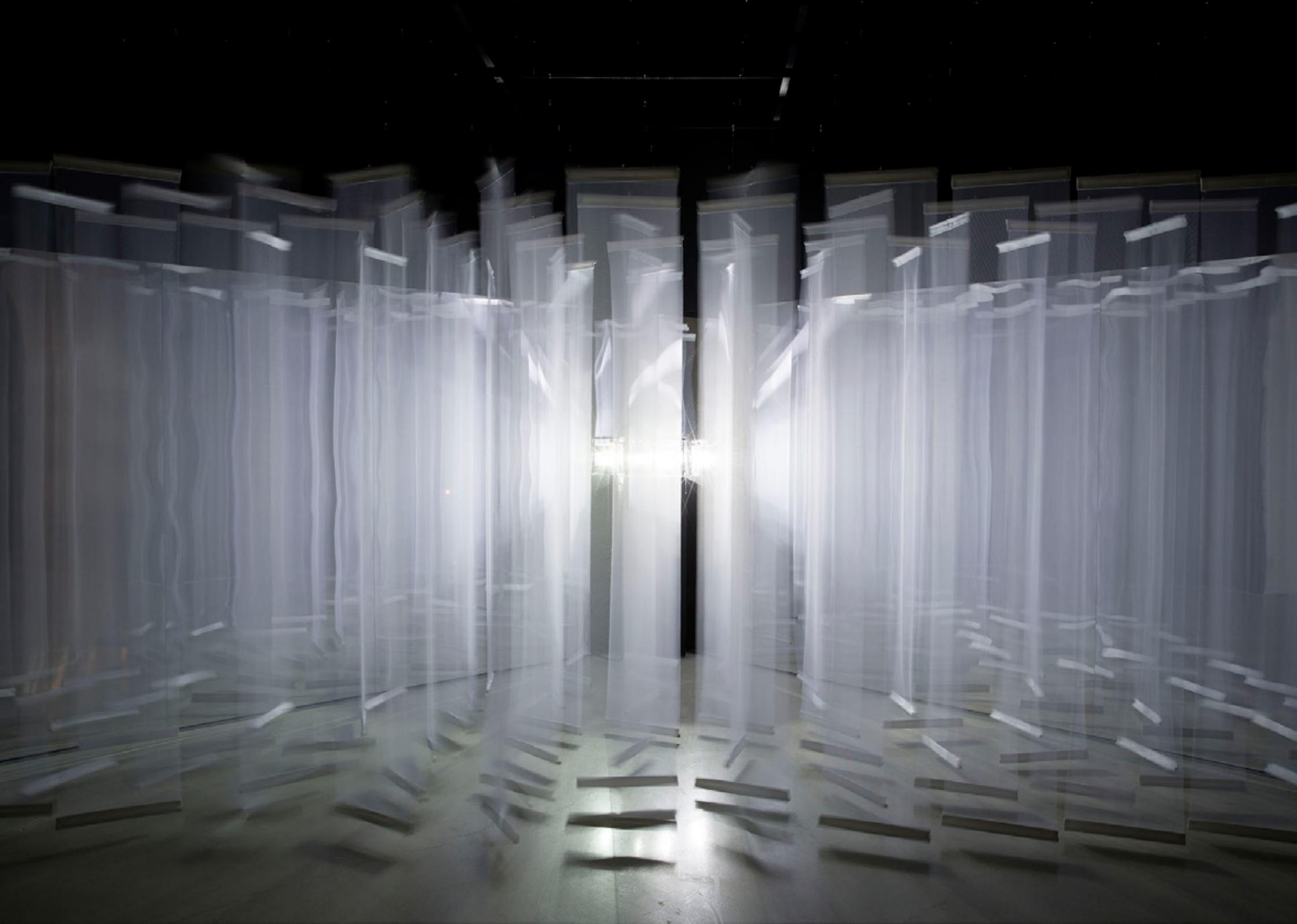
Essa série de trabalhos é resultado das investigações de Julio Le Parc com a luz. Embora tal elemento já tivesse aparecido em pesquisas de outros artistas argentinos do mesmo período, seu interesse, para ele, consistia em seu caráter imaterial e instável.

Comumente associada a cor e consequentemente a pintura, a luz para o artista em questão não é tratada como um elemento pictórico, e sim como algo propício para criação de jogos visuais. Em um primeiro momento ela entra como um elemento adicional em trabalhos estáticos, como esculturas com iluminação embutida, caixas com projeções e mesmo interagindo com alguns de seus móveis visando aumentar a sensação de instabilidade trazida pelos mesmos.

Continuel-lumière avec formes en contorsion, 1966/2012
madeira, plástico, motor, luz
edição de 3 + 1 PA
243 x 603 x 36 cm

→
Lumière vertical visualisée, 1978
tule, madeira, aço,
lâmpadas, motor e espelho
edição de 3 + 1 PA
250 x 550 x 550 cm







No entanto, conforme avançava a década de 1960, aumentava o interesse de Le Parc pela participação do espectador no trabalho. A utilização da luz, visando esse propósito, passa a ser cada vez mais decisiva, pois ela permitia o surgimento de trabalhos instalativos que colocam o observador no centro daquilo que o próprio chamou de “situações visuais”. Assim, não apenas a própria fonte de luz passa a ser o objeto de interesse, mas também o entorno iluminado e a experiência sensorial causada pelo ambiente.

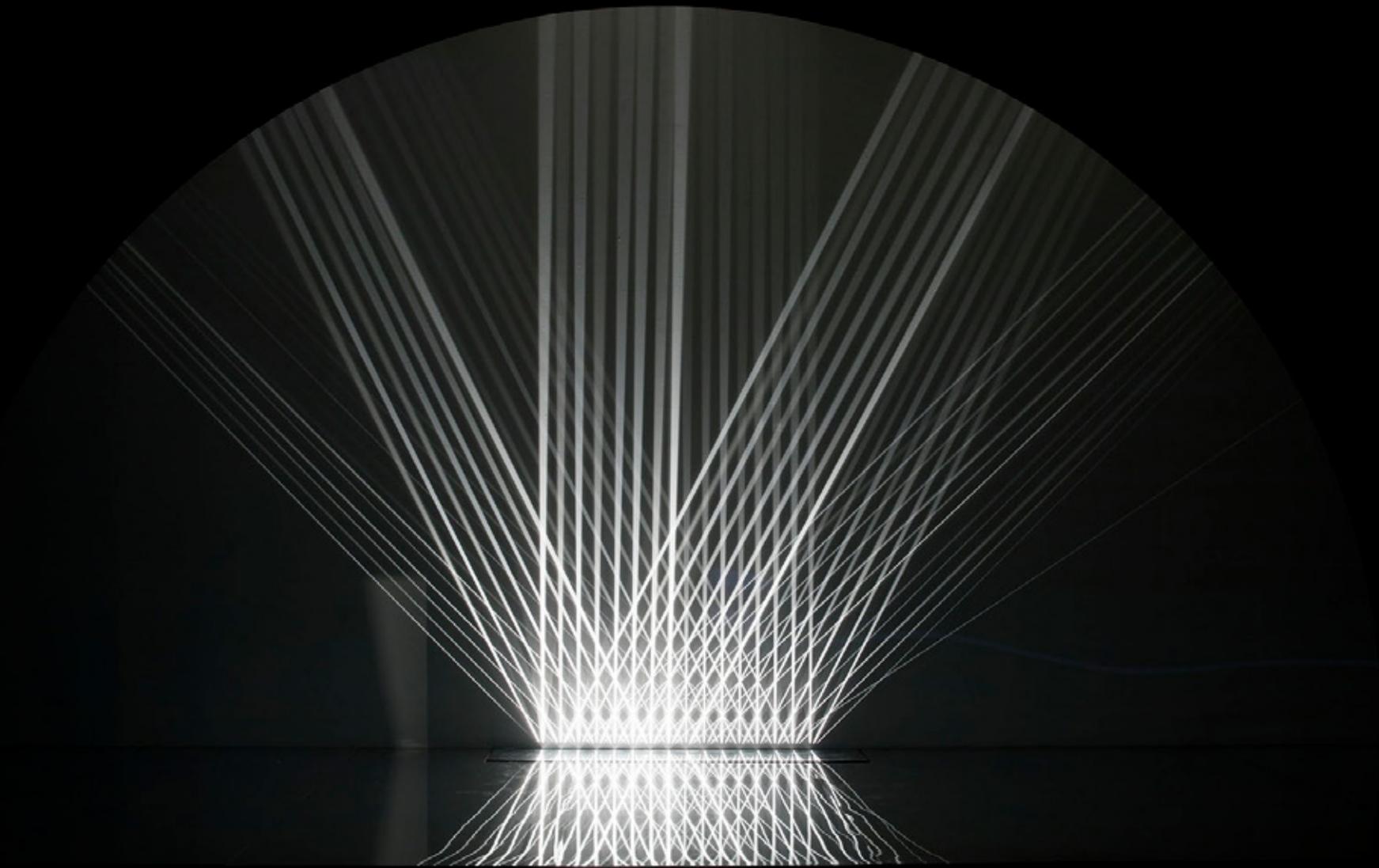
Continuel lumière cylindre,
1962/2012
madeira, metal, luz
Ø 460 x 102 cm

vista da exposição
Julio Le Parc: Uma busca contínua,
Nara Roesler São Paulo, Brasil, 2013
foto © Everton Ballardin

→
vista da exposição
Julio Le Parc, Serpentine Sackler
Gallery, Londres, Reino Unido,
2014/2015

→ →
Lumières alternées, 1967/1993
madeira, lâmpadas e motor
204 x 33 x 34 cm





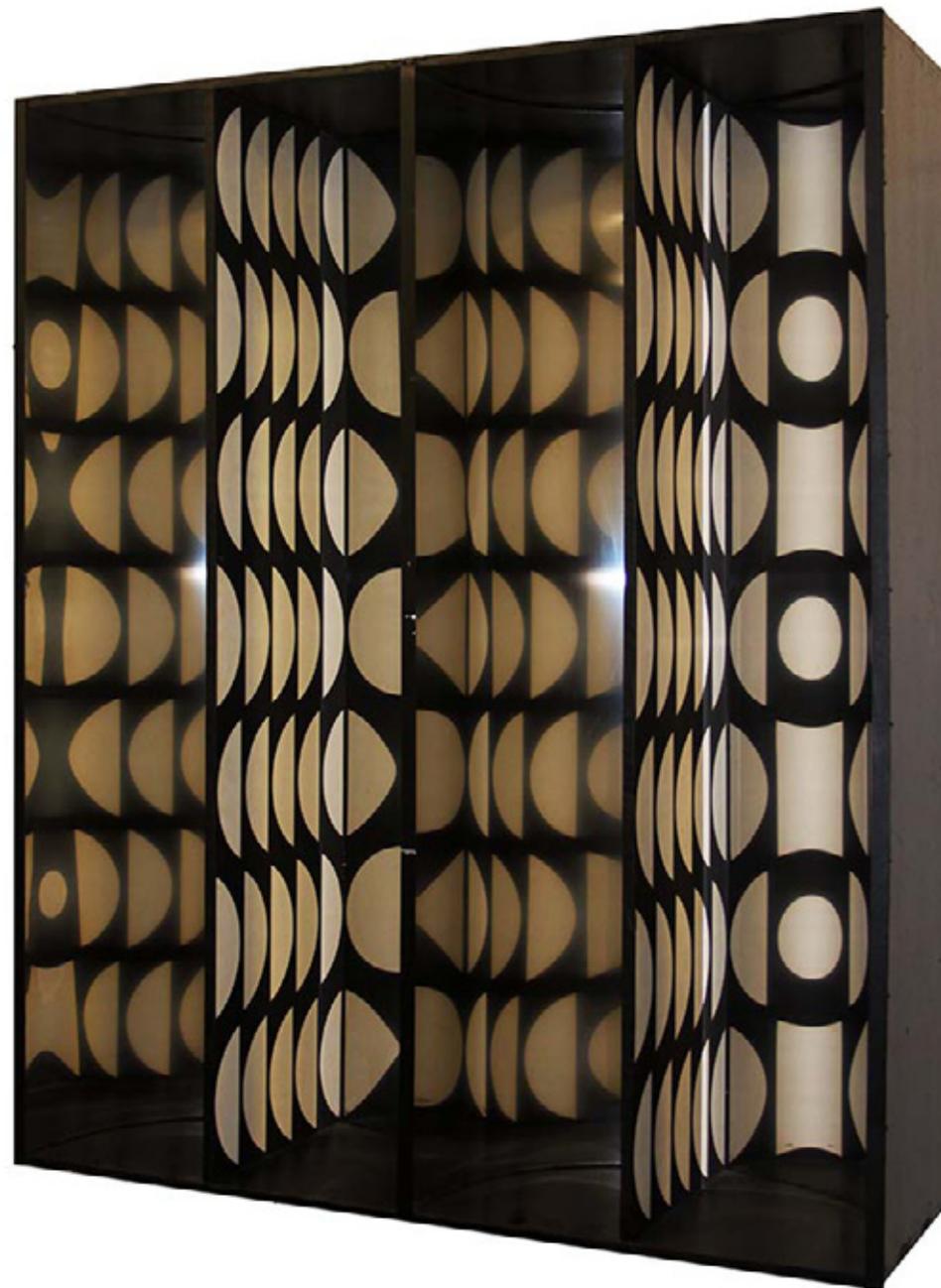
deplacement

Iniciada em 1963, essa pesquisa visual é fruto do estudo de um tipo específico de movimento: o deslocamento. Embora muitos artistas abstratos anteriores e do período tenham se detido sobre elementos e sensações visuais isoladas, Le Parc o faz em relação ao espectador mobilizando não apenas a visão do mesmo, mas também seu corpo.

Os trabalhos variam de tamanho, indo desde peças pregadas na parede até outras de aspecto mais instalativo. Consistem em peças espelhadas dispostas de maneira perpendicular, que ao serem “percorridas” fracionam e multiplicam a imagem de maneira horizontal, acompanhando o movimento do observador.

*Cercles virtuels
par déplacement
du spectateur, 1966*
madeira e aço inox
edição de 9
143 x 118 x 36 cm

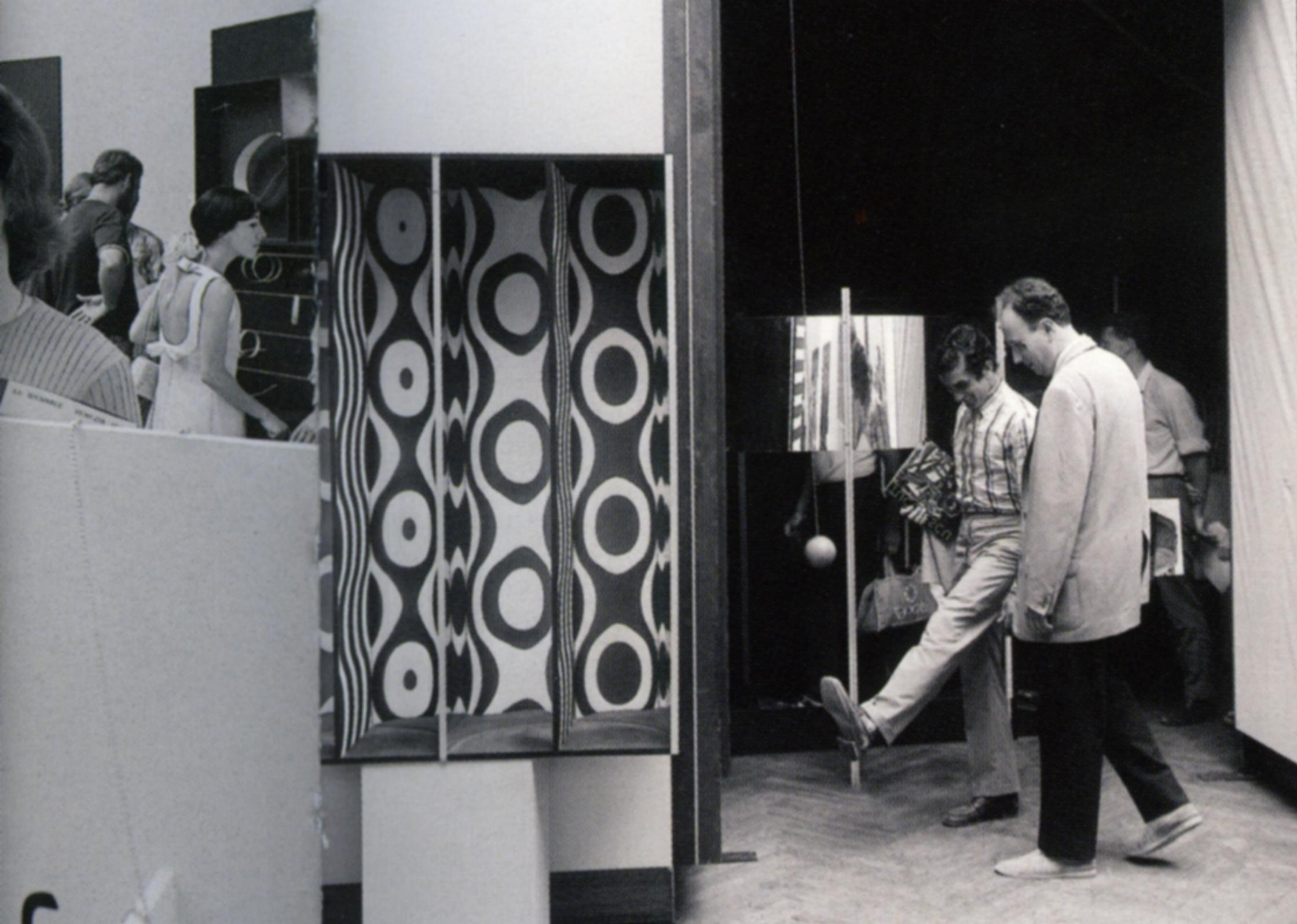
→
*Ondes par déplacement
du spectateur, 1965/2012*
caixa de acrílico,
espelhos e impressão
edição de 100
50 x 50 x 15 cm





*Ondes par déplacement
du spectateur, 1965/2012*
caixa de acrílico,
espelhos e impressão
edição de 100
50 × 50 × 15 cm

→
Bienal de Veneza, 1966
cortesia Atelier Le Parc



contorsions

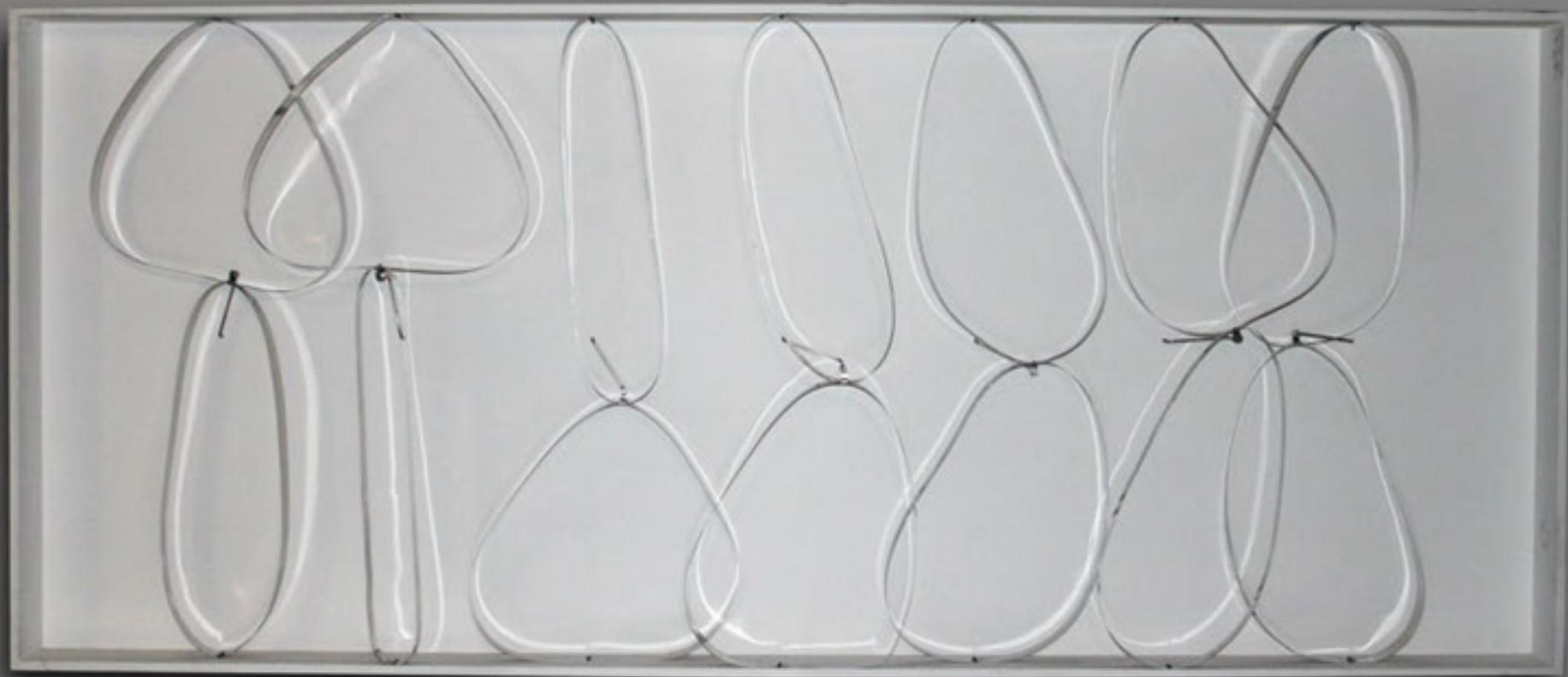
Em *Contorsions*, Le Parc utiliza fitas metálicas flexíveis e tridimensionais como elementos compositivos principais: seja isoladamente e em diálogo com o fundo, seja em conjunto. Pelo fato do metal das fitas ser altamente reflexivo, as mesmas refletem tanto os fundos em que se inserem, como a elas próprias e a iluminação do ambiente.

Aqui, no entanto, o artista utiliza um elemento que vinha sendo progressivamente empregado por outros cinéticos do período. Desejoso de obter dinamismo real, e não somente fruto de ilusão de ótica, colocou pequenos motores dentro dos trabalhos. As fitas metálicas são pregadas no suporte e diretamente vinculadas ao motor que, quando ligado, as coloca em movimento, fazendo com que as mesmas fiquem em constante contorção. Os fundos listrados e a iluminação do entorno reforçam o caráter dinâmico do trabalho.

*Cercle en contorsion
sur trame*, 1966
madeira, metal,
motor, serigrafia
edição de 9
123 × 123 × 20 cm

→
*14 formes en contorsion
sur fond blanc Serie
Contorsions*, 1971
madeira, metal, motores
edição de 4 (unique)
156 × 504 × 20 cm







Formes en contorsion, 1971/2016
madeira, metal, motor, pintura
edição de 4 (unique)
156 x 504 x 20 cm

relevos

Ao mesmo tempo em que executava pinturas, desenhos, móveis e jogos de luz, Le Parc estudava a relação entre forma e movimento no âmbito tridimensional. Seus relevos, cujos quais a execução dos mais antigos remonta a 1960, coincidem com o esfumaçamento da divisão entre pintura e escultura, algo que caracteriza muitos trabalhos artísticos daquele período. Ao passo que alguns são fixados à parede e emoldurados, outros são esculpidos em blocos volumosos.

Essa série é um desdobramento de uma pesquisa que o artista já vinha realizando em anos anteriores: o estudo da progressão e sua aplicabilidade ao movimento. Se antes Le Parc os executava em guaches, agora a busca passou a ocorrer em âmbito tridimensional.

Relief 10, 1970
madeira e plástico
edição de 200
41 x 41 x 5 cm





Relief N° 7, 1970
metal, serigrafia, acrílico
41 x 41 x 5 cm



Quatre positions en bois, 1971
madeira, pintura
80 × 80 × 6 cm



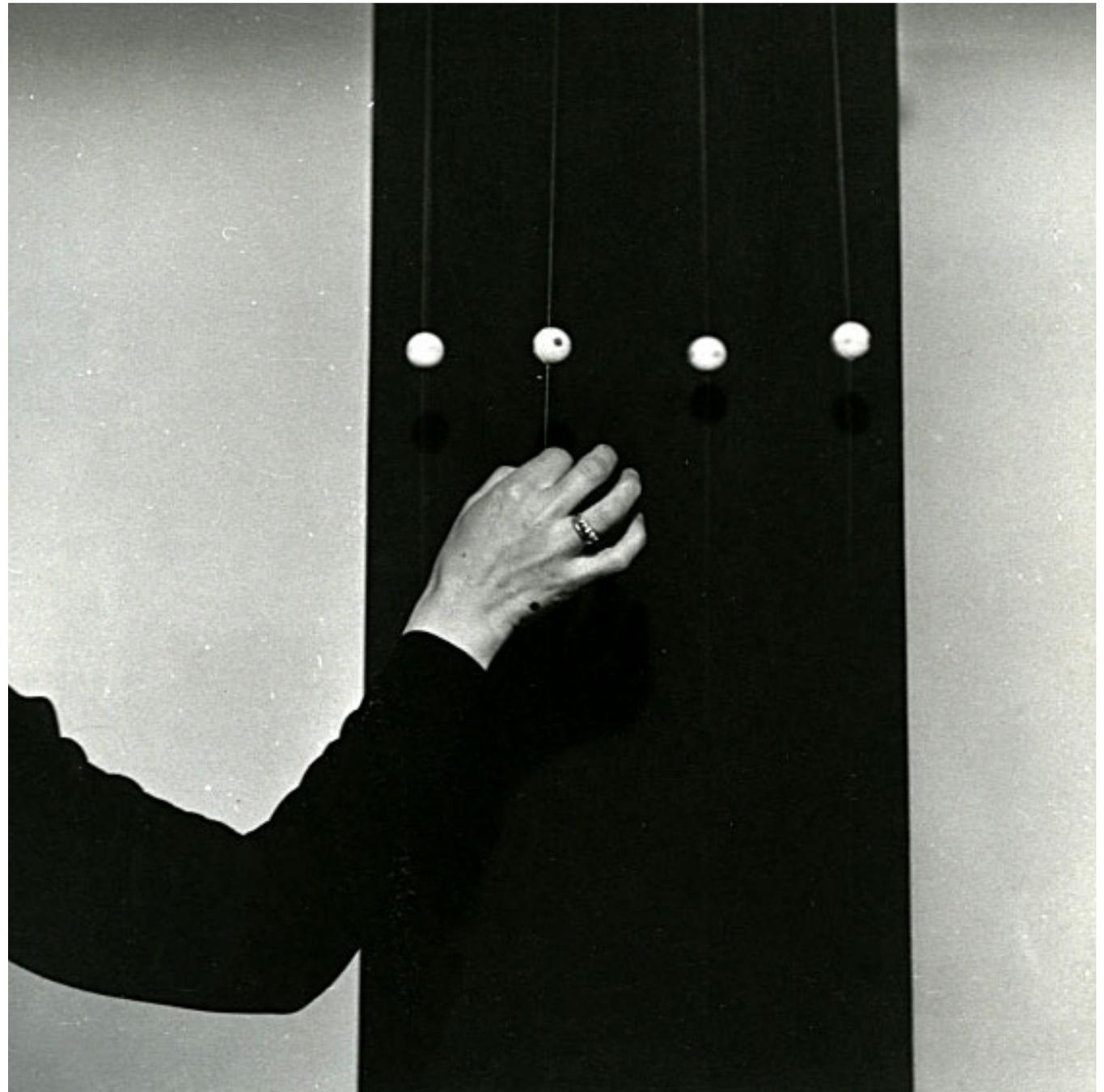
Quatre positions en bois, 1971
madeira, pintura
83 × 80 × 6 cm

salas de jogos

Embora a experiência sensorial do espectador estivesse no horizonte do trabalho de Julio Le Parc desde o início dos anos 1960, o papel desse vai se tornando progressivamente mais decisivo com o passar do tempo. Com essa série, além da experiência obtida, o espectador passa a ser o disparador do trabalho. Se utilizando de pesquisas visuais anteriores, como espelhos, jogos de luz e sombra e ambientes instalativos, o artista envolve seu público através de uma abordagem lúdica.

Uma das primeiras experiências foi a partir dos motores. Utilizados já previamente em *Contorsions*, aqui eles têm seu funcionamento vinculados a botões, que o espectador é chamado a apertar e, conseqüentemente, ser surpreendido por um jogo visual, como ocorre em *Espelho em Vibração*, na qual, ao acionar o botão, um motor agia sob uma reluzente placa de alumínio, distorcendo seu reflexo e também de todo o entorno.

Quatre boules à vibrer
Serie *Salle de jeux*, 1964
madeira, cortiça e molas
edição de 4 + PA
120 x 102 x 20 cm



Em outros casos, objetos aparentemente banais eram capazes de produzir esse tipo de experiência, como é o caso de uma série de óculos: dispostos em uma mesa, quando colocados pelo público, distorcem a visão a partir de suas lentes.

O que ocorre aqui, com esse aumento do papel do público e seu engajamento total na obra, é o fato das pesquisas visuais do artista, até então concebidas de forma abstrata, se aproximarem de uma situação cotidiana corriqueira: a dos parques de diversões e salas de jogo. Da mesma forma que o artista “sintetiza” elementos puros, como movimento, instabilidade e jogos cromáticos, aqui ele reduz essas situações lúdicas a sua essência.

Jeu-enquête (Les mythes)
Série *Salle de jeux*, 1969/2013
madeira e motor
250 x 500 x 400 cm

→
Bienal de Veneza, 1966
cortesia Atelier Le Parc

→ →
Bienal de Veneza, 1966
cortesia Atelier Le Parc









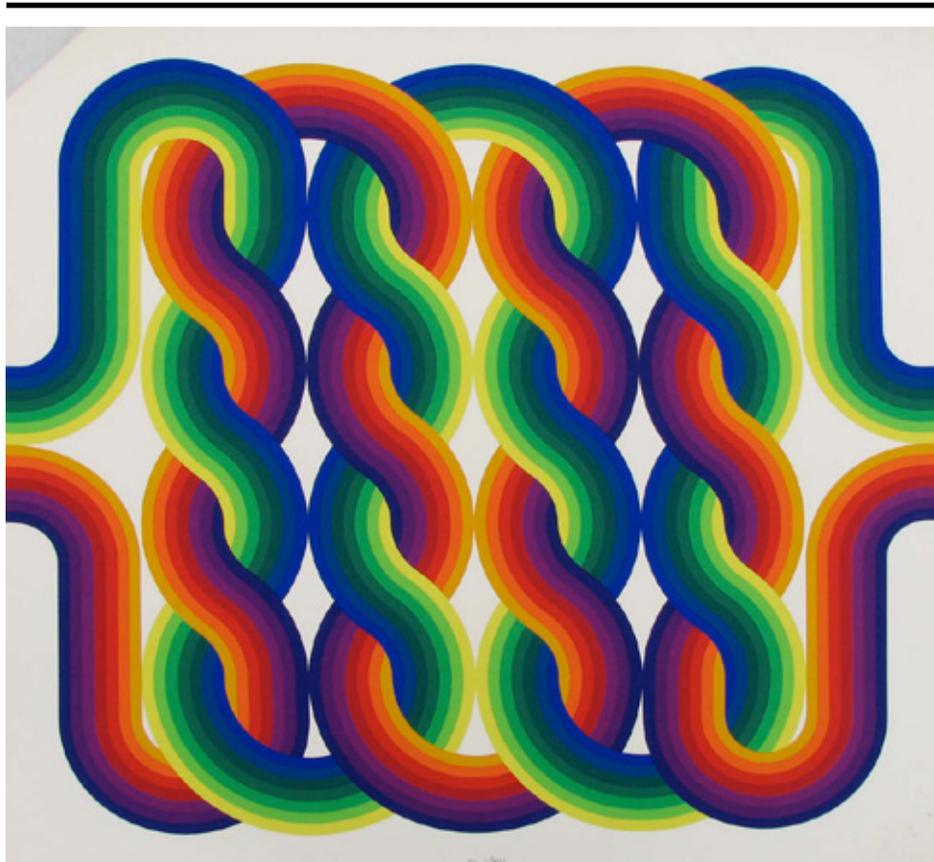
vista da exposição
Julio Le Parc, Serpentine Sackler
Gallery, Londres, Reino Unido,
2014/2015

surface couleur

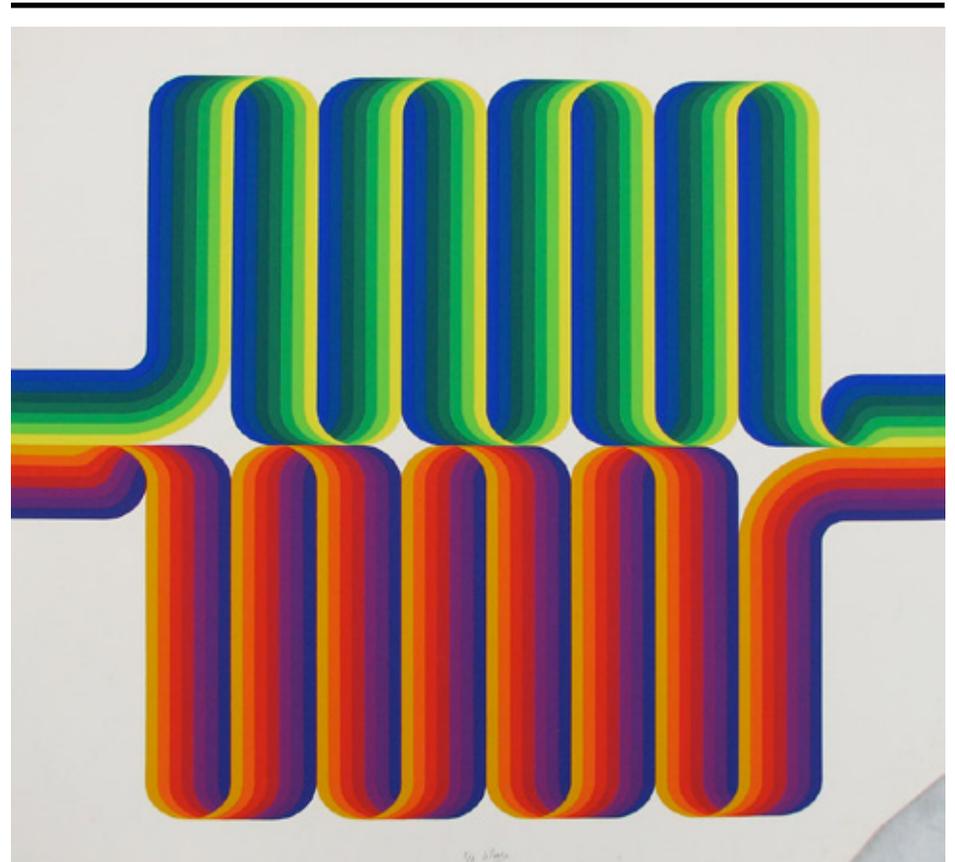
Se em *Surfaces Le Parc* se debruça isoladamente sobre valores pictóricos como o movimento, nessa série as investigações se combinam com estudos sobre a cor. Tendo como ponto de partida uma paleta cromática de 14 cores, que vai do azul escuro ao vermelho vivo (atravessando todas as tonalidades entre um e outro), o artista se preocupa aqui em estudar todos os arranjos possíveis criados por essas cores e os resultados visuais obtidos através dessas interações.

Muitos trabalhos dessa série não assumem formas regulares, como ocorre em *Surfaces*. Aqui, Le Parc agrupa as paletas cromáticas em padrões ondulatórios, circulares e busca por vezes obter efeito volumétrico, criando composições nas quais as cores se arranjam de modo a criar formas semelhantes a elementos orgânicos.





*Thèmes de la
"Longue marche", 1974*
litogravura
edição EA
75 x 75 cm



*Thèmes de la
"Longue marche", 1974*
litogravura
edição EA
75 x 75 cm

→
vista da exposição
Les Couleurs en Jeu,
Fondation Hermès, Tóquio,
Japão, 2021

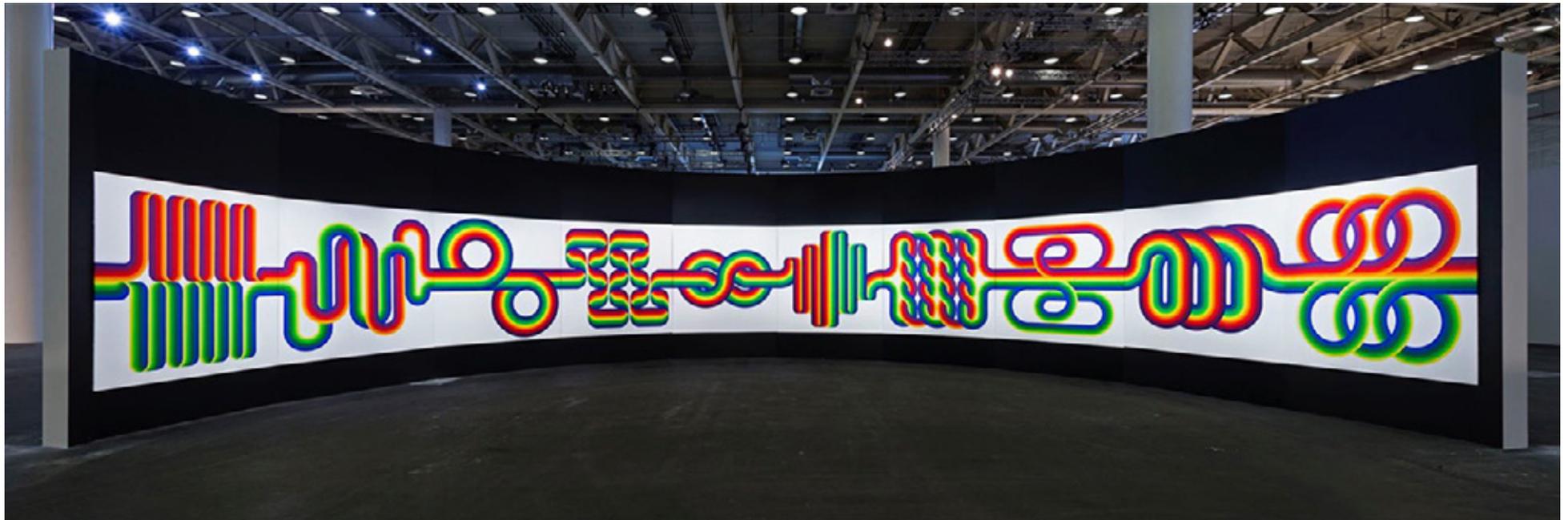


HERMES

卍

GAP

ECRU



vista da exposição
Julio Le Parc: Form into Action,
Perez Art Museum, Miami,
EUA, 2016
foto © Guillaume Ziccarelli

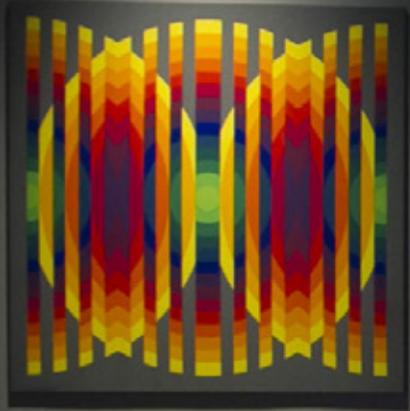


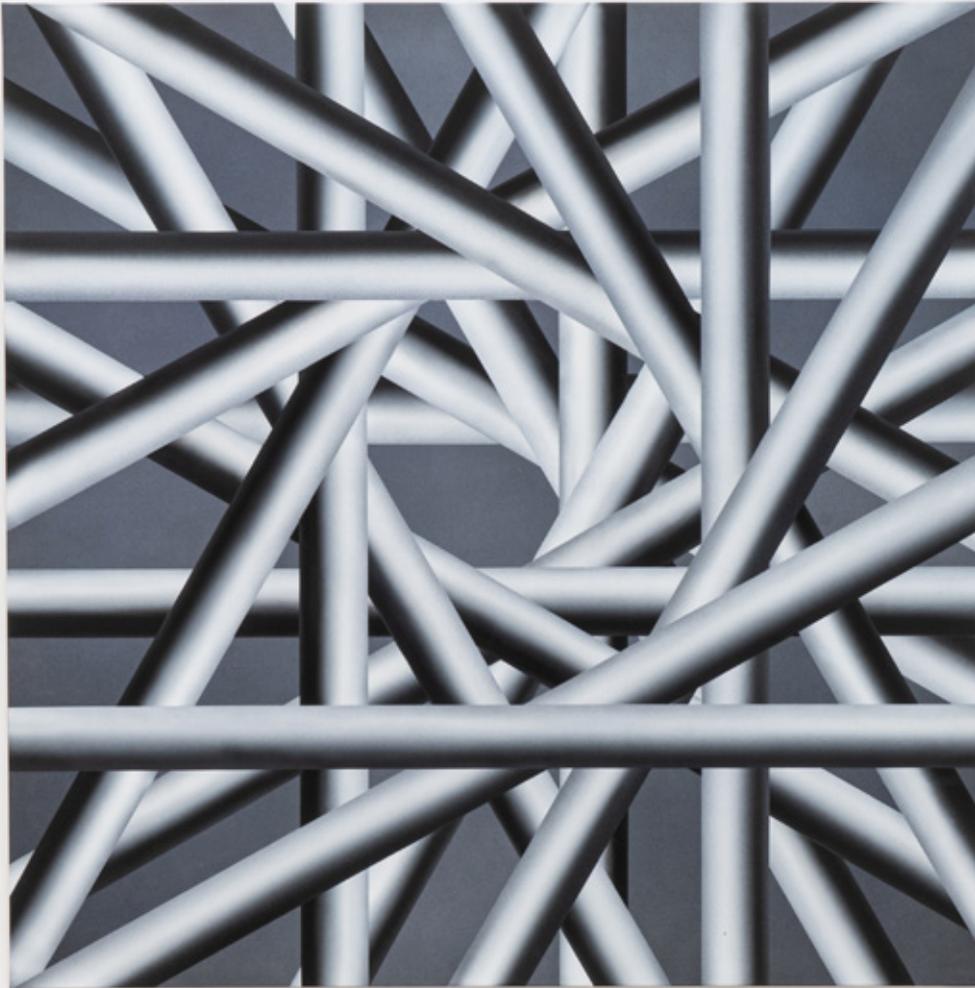
Série 1 Variante seis, 2021
tinta acrílica sobre tela (díptico)
2 partes de 97 x 130 cm (cada)

→
Série 1 Variante seis, 2021
[detalhe]

→ →
vista da exposição
Julio Le Parc. Un visionario,
Centro Cultural Kirchner,
Buenos Aires, Argentina, 2019



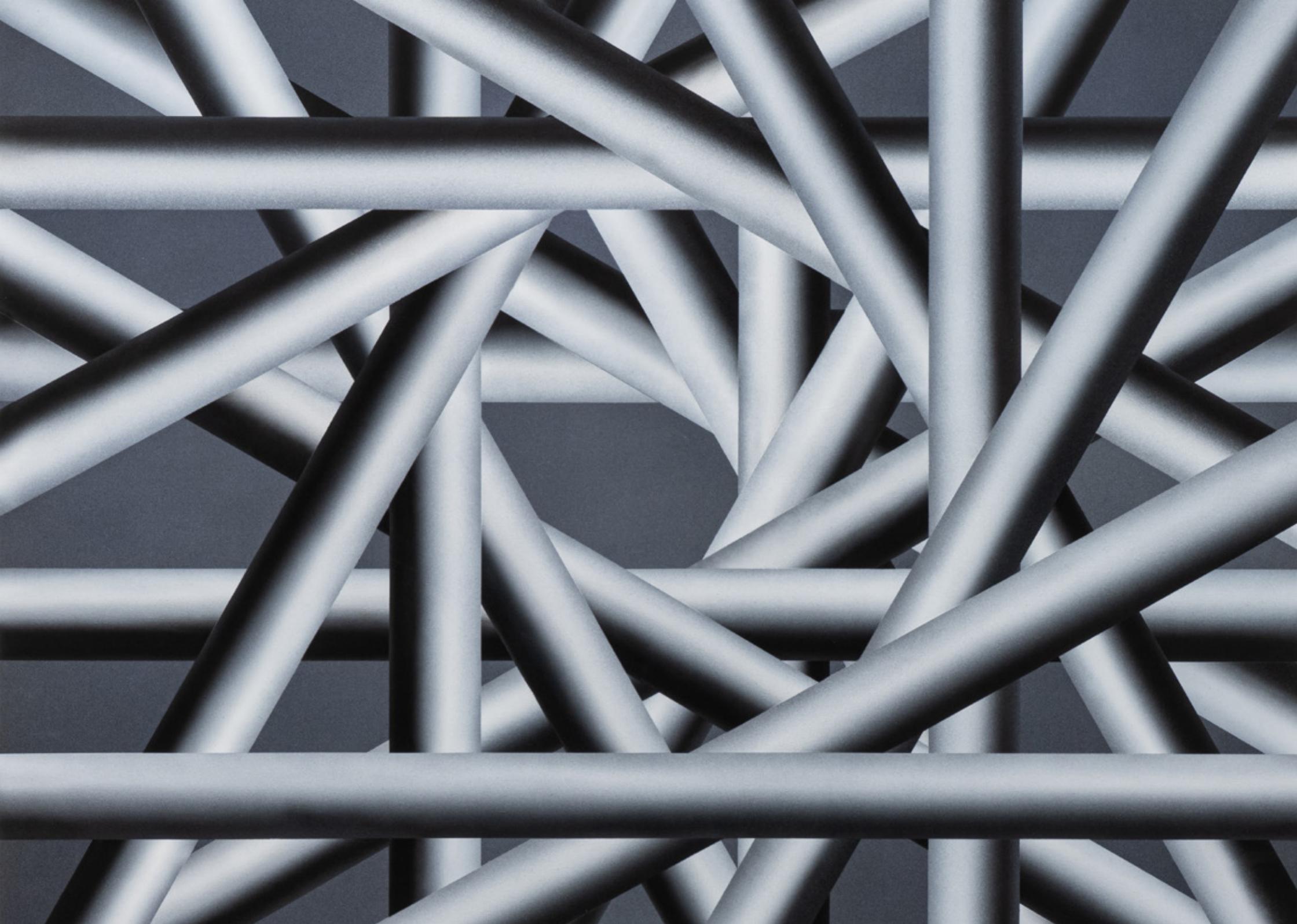




modulation

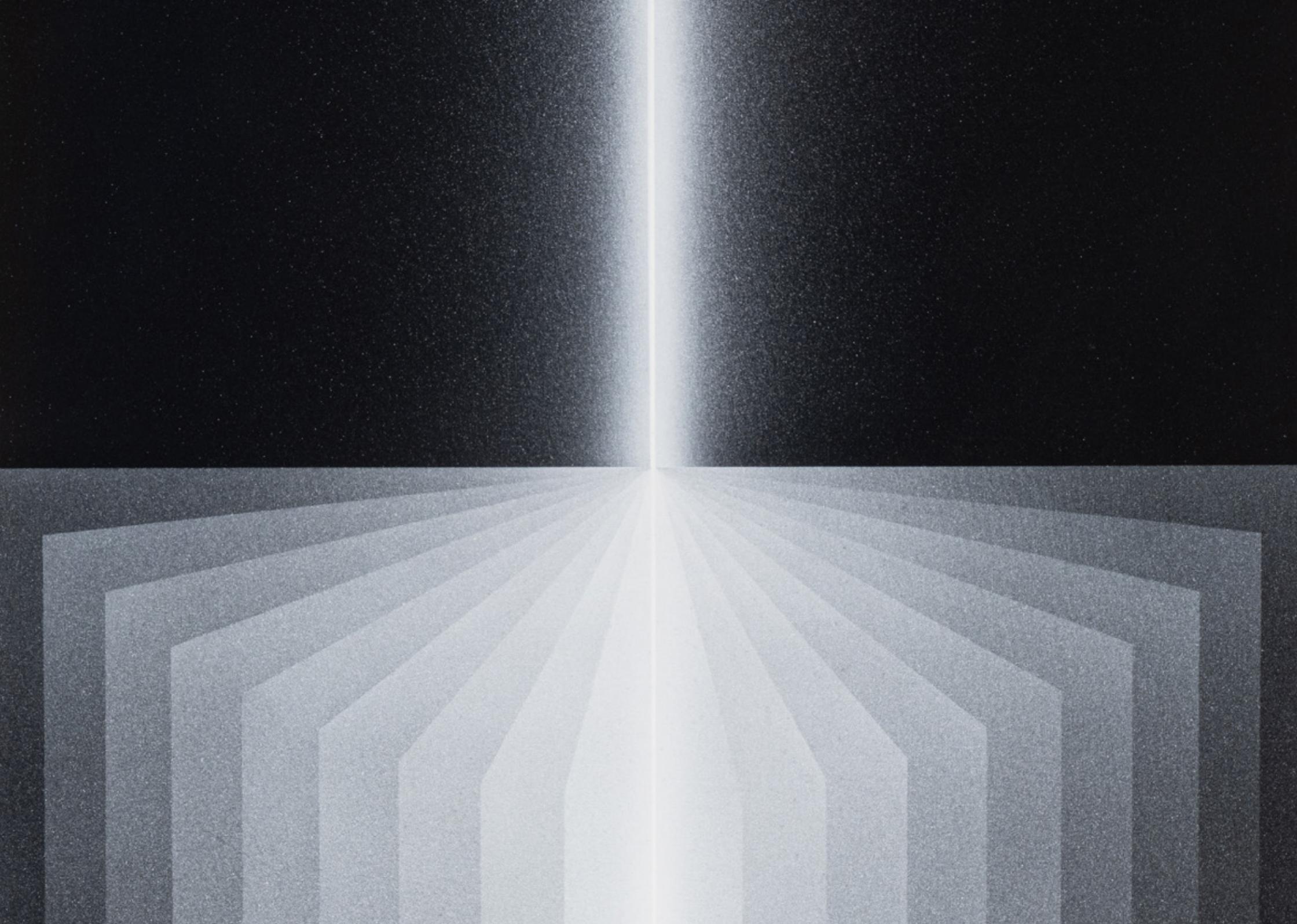
A série *Modulation* começou a ser pensada em meados da década de 1970, e traz para o plano pictórico várias investigações que Le Parc vinha empreendendo tridimensionalmente. Formas volumétricas e escultóricas agora são representadas em suporte bidimensional. Para acentuar sua massa, no entanto, o artista utiliza-se de outro recurso que igualmente já tinha utilizado anteriormente em trabalhos escultóricos/instalativos: o jogo de luz e sombra. Em um primeiro momento, somente são utilizadas as cores preto e branco e, se utilizando de pincel de ar e pintura em spray, obtém-se uma passagem modulada do branco luminoso ao completo escuro. O efeito alcançado é o de uma luz misteriosa iluminando um espaço completamente escuro.

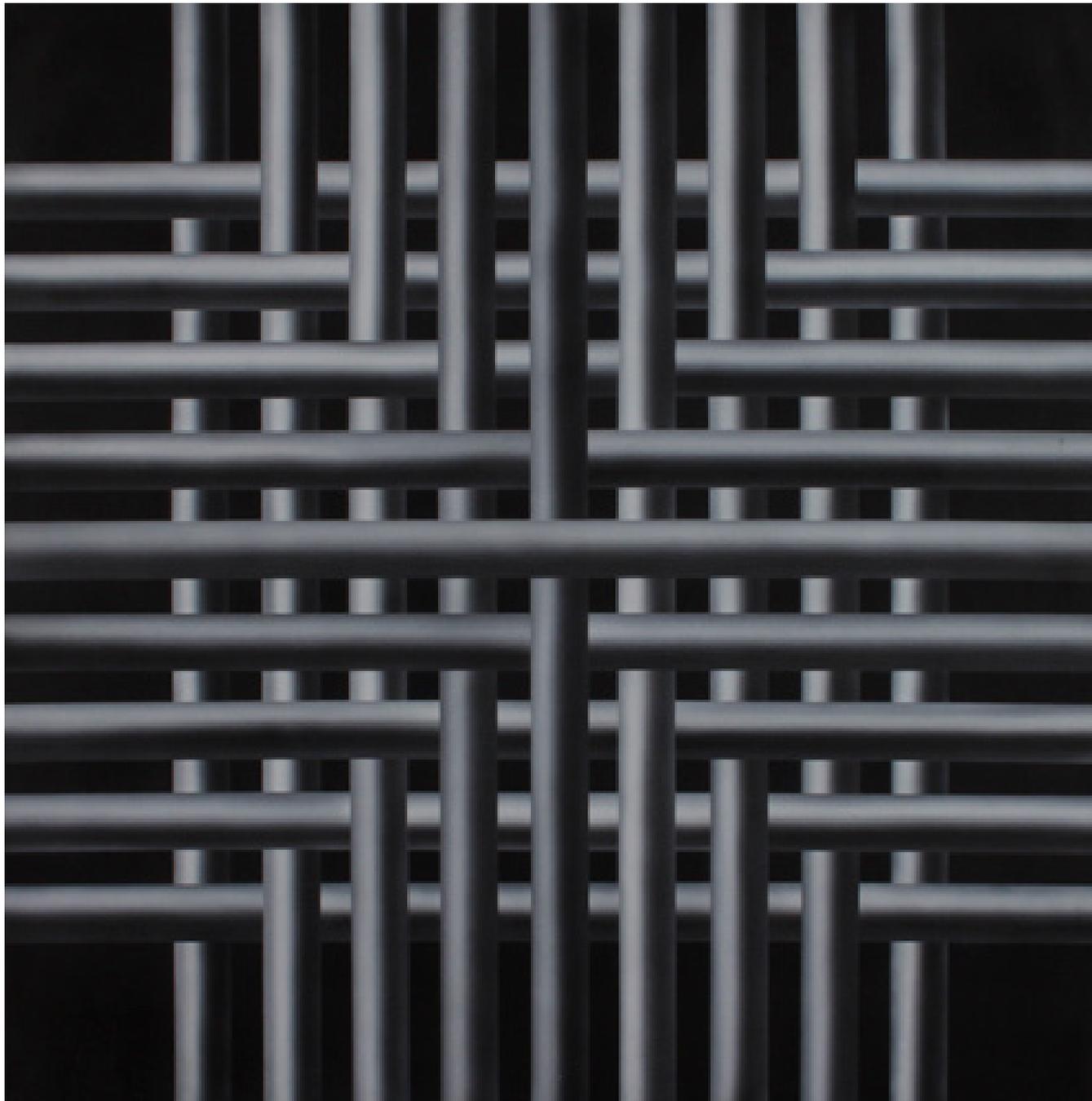
*Modulation 1191 à partir
de maquette de 1976, 1976/2018*
tinta acrílica sobre tela
200 x 200 cm





Modulation 1160, 2004
tinta acrílica sobre tela
100 × 100 cm





Modulation TD 69, 1976
tinta acrílica sobre tela
100 × 100 cm

Com o passar do tempo, o artista vai acrescentando a gama de cores puras com as quais já tinha trabalhado anteriormente em *Surface Couleur*. Aqui, no entanto, as cores interagem diretamente com a luminosidade presente na composição, o que termina por criar fundos diáfanos, algo atmosféricos, impregnados pelas cores.



Modulation 1120, 2003
tinta acrílica sobre tela
100 × 100 cm





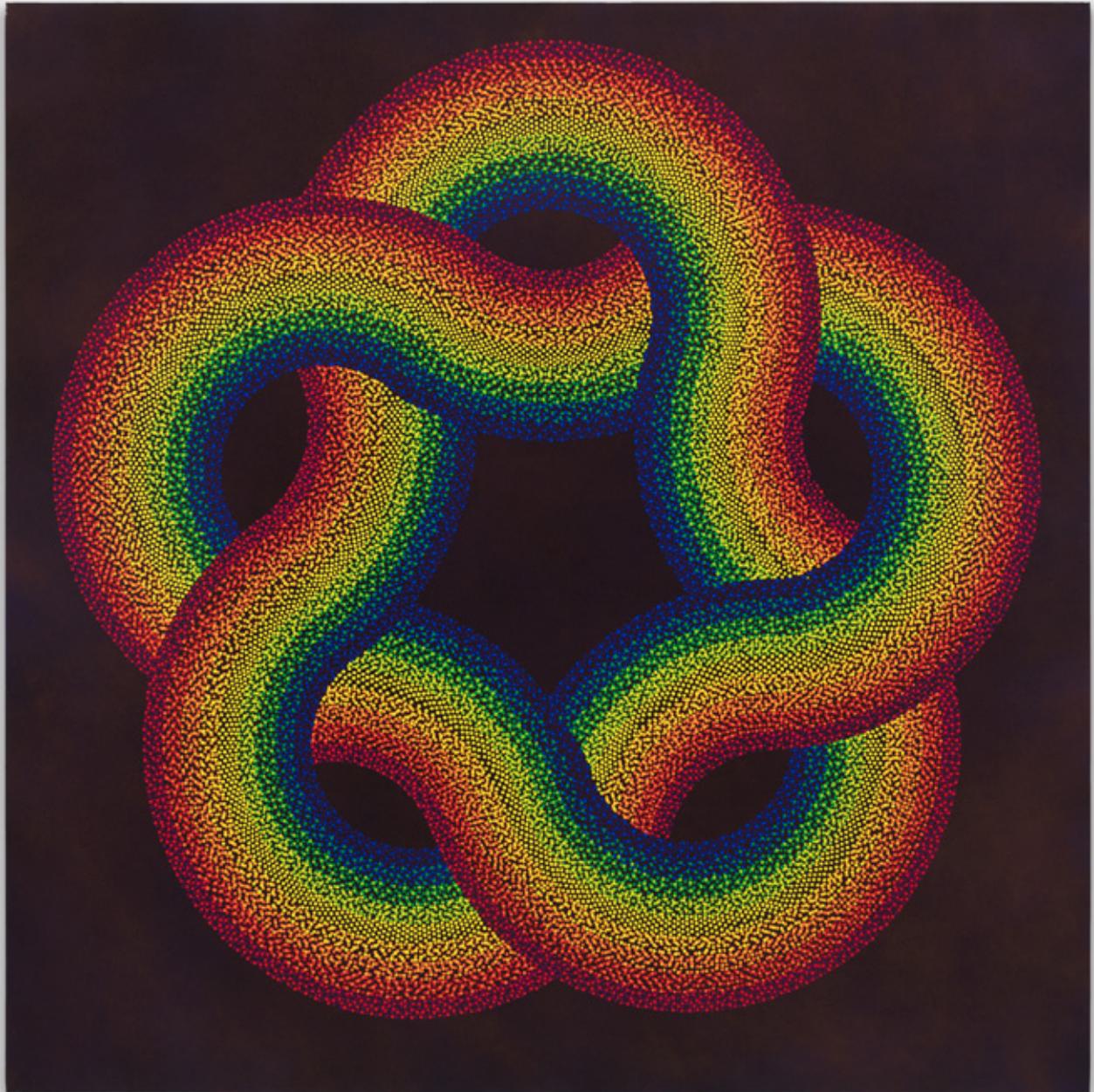
Modulation 677, 1984
tinta acrílica sobre tela
200 × 200 cm

alquimias

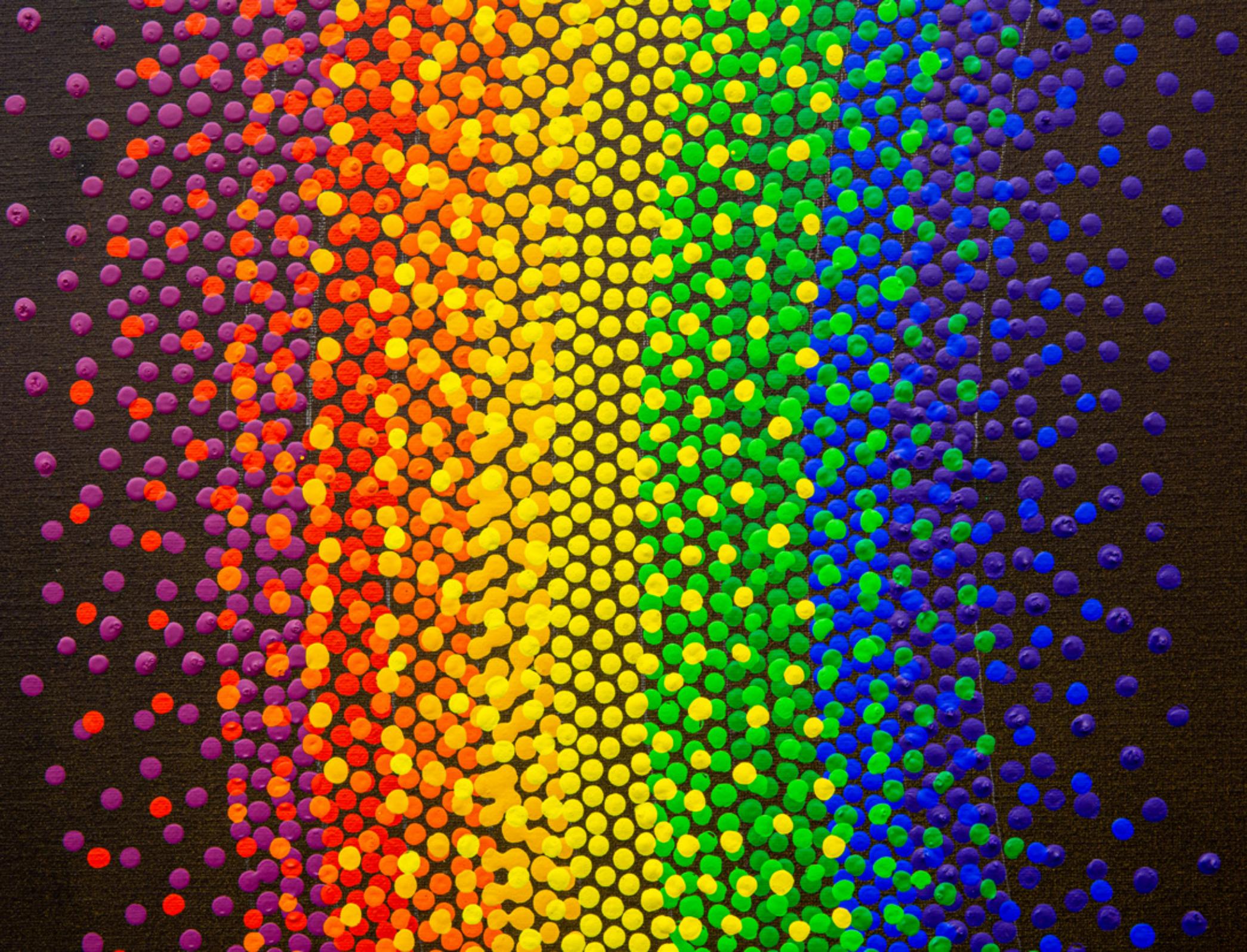
Esta série foi iniciada a partir do final da década de 1980, e traz o resultado de algumas pesquisas iniciadas por Le Parc em séries anteriores. Tal como em *Surface Couleur*, o artista também se debruça sobre o estudo da cor, suas diferentes paletas e os resultados obtidos a partir da interação entre elas. No entanto, nessa sequência as cores são reduzidas a pequenos fragmentos atomísticos, como se fossem partículas, que se agrupam e organizam de diferentes maneiras.

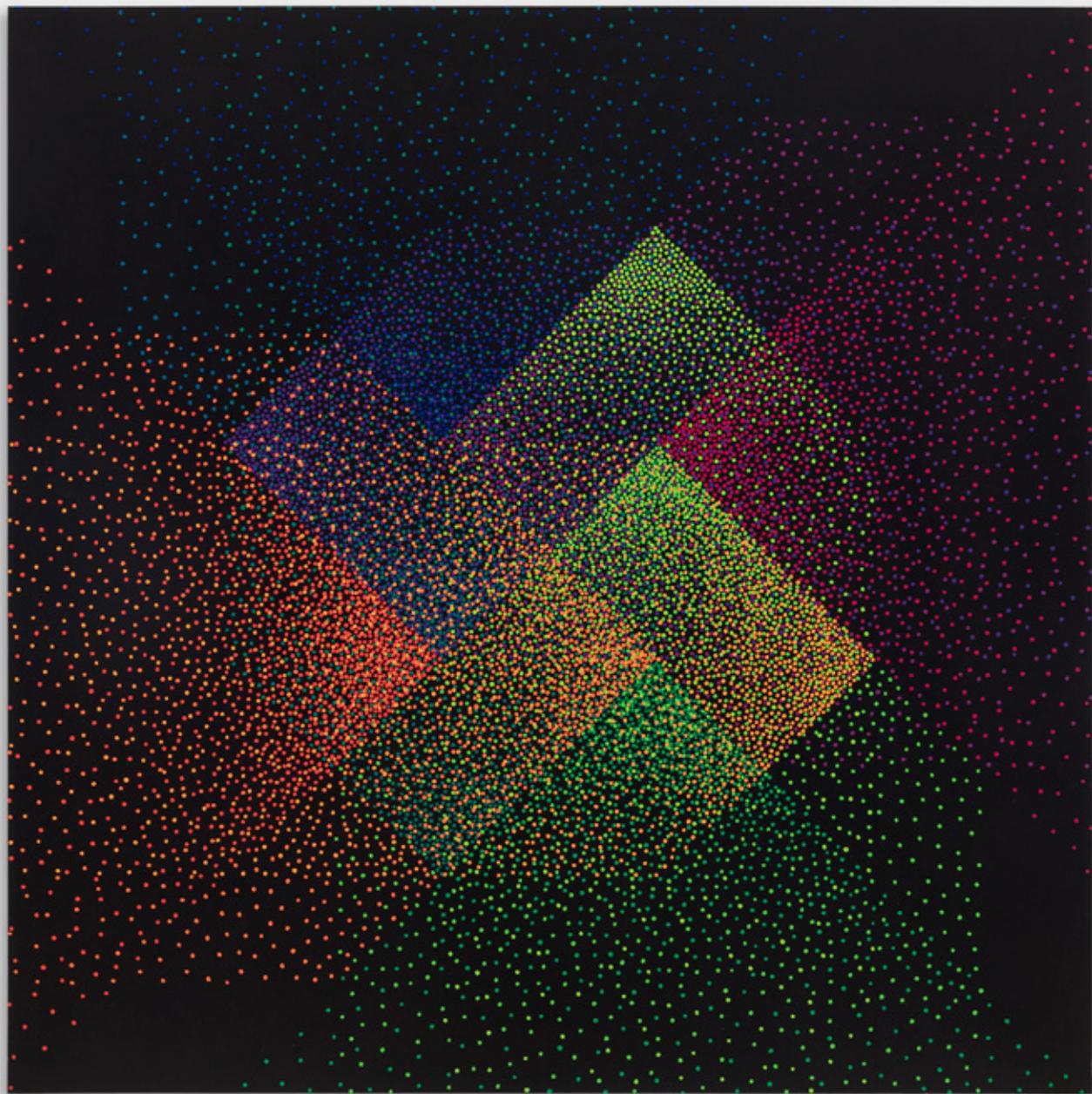
Alchimie 363, 2017
tinta acrílica sobre tela
200 × 200 cm

→
Alchimie 353, 2017
tinta acrílica sobre tela
200 × 200 cm





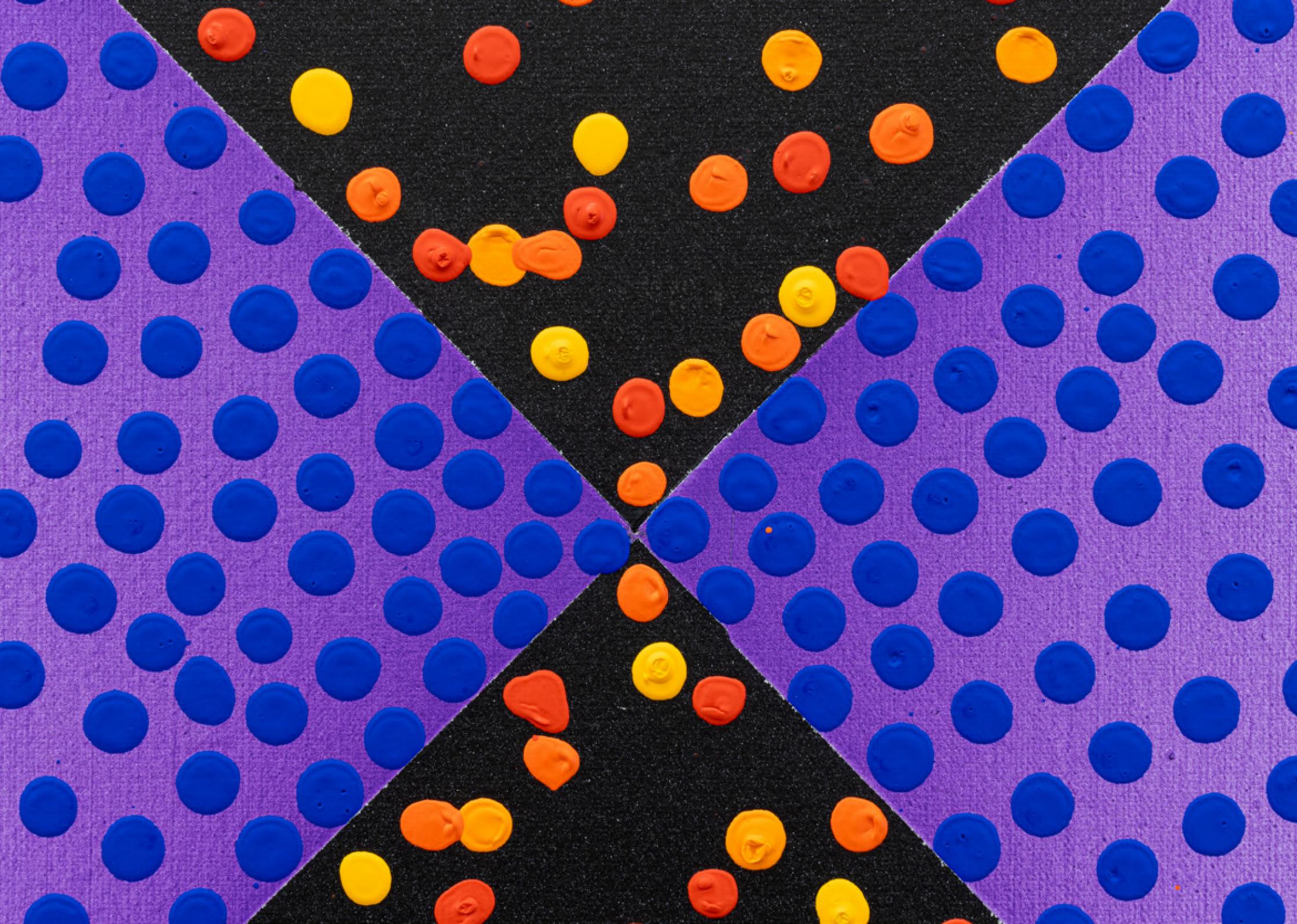




Alchimie 367, 2017
tinta acrílica sobre tela
200 × 200 cm



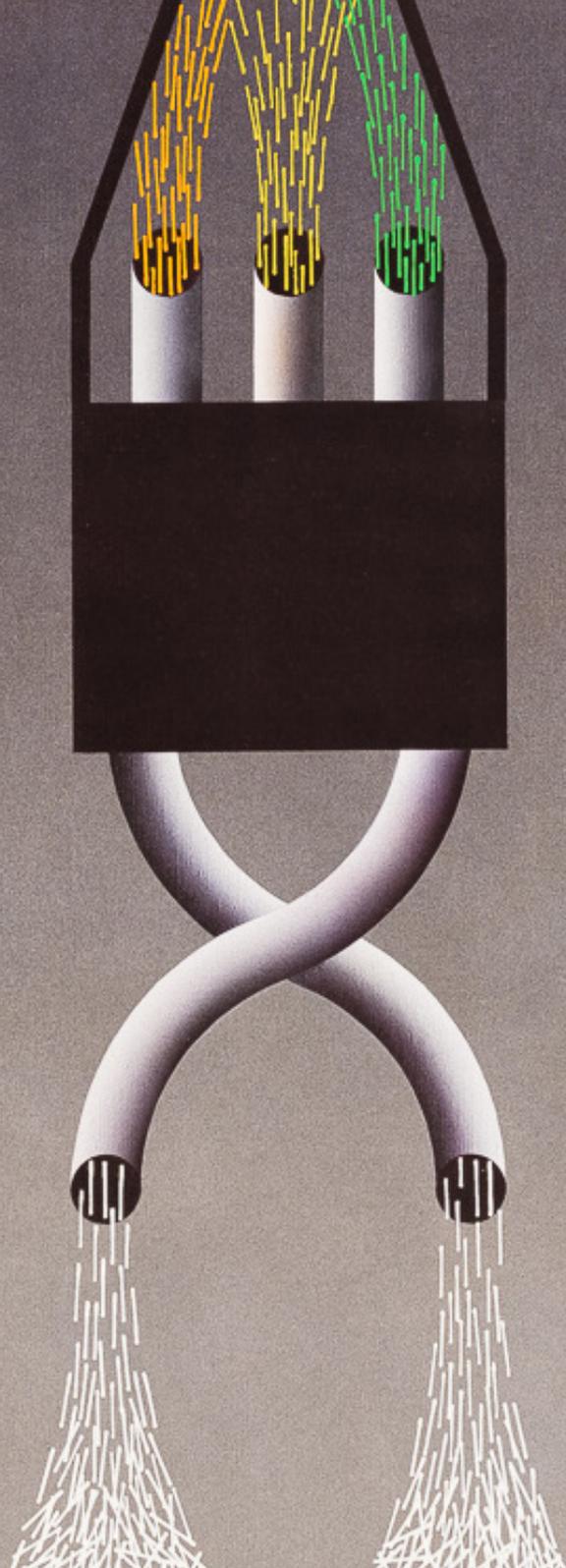
Alchimie 453, 2019
tinta acrílica sobre tela
200 × 200 cm

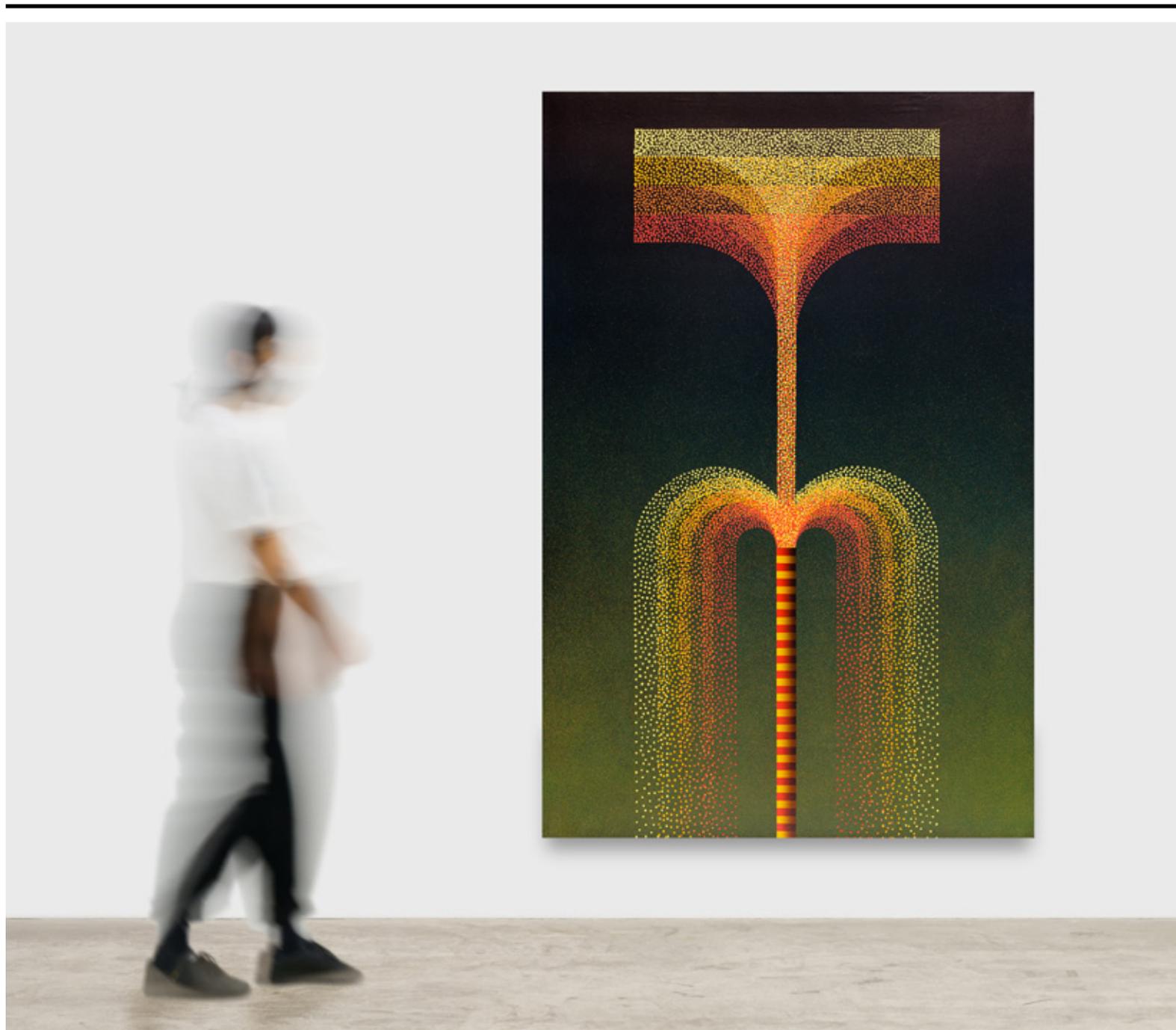




Existem também alguns elementos de *Modulation*, presentes sobretudo no fundo da composição. Formados por jogos de luz e sombra, eles têm aspecto nebuloso, que termina por interagir com as partículas cromáticas do primeiro plano. Aparecem também nesses trabalhos formas volumétricas, opacas, que se assemelham a tubos ou torneiras, que parecem ter a função de separar e agrupar as partículas cromáticas, tal como se fossem parte de um laboratório de alquimista.

Alchimie 25, 1988
tinta acrílica sobre tela
195 × 130 cm





Alchimie 91, 1990
tinta acrílica sobre tela
195 × 130 cm



torções

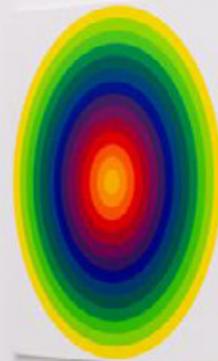
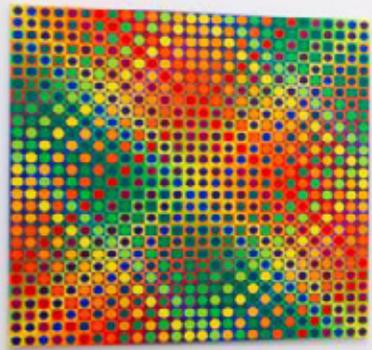
Em *Torções*, Julio Le Parc leva para o âmbito escultórico algumas de suas pesquisas referentes a volumetria. Feitas em aço inox, as mesmas consistem em um conjunto de formas tubulares que, muito próximas, assumem configurações e apontam para direções ora semelhantes, ora muito diferentes, criando um emaranhado de ramificações. Por serem esculturas feitas de um material altamente reflexivo, acabam se relacionando com o ambiente no qual estão instaladas, em especial com a luminosidade, que ao refletir em sua superfície acaba interagindo com as configurações dos trabalhos.

Torsion 6, 2004
aço inox
228 x 104 x 104 cm

Torsion 5, 2004
aço inox
241 x 118 x 118 cm

→
vista da exposição
Interactive Spatial Experiences,
Kunstmuseen Krefeld, Germany,
2022
foto © Dirk Rose







estúdio de Julio Le Parc,
Cachan, França
foto © Gregory Copitet

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art